

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



Dissertação

Bioarqueologia dos esquecidos:

desafios éticos a partir do trabalho com uma coleção de ossos contemporâneos no
Rio Grande do Sul

Isabela da Silva Marques

Pelotas, 2024

Isabela da Silva Marques

Bioarqueologia dos esquecidos:

desafios éticos a partir do trabalho com uma coleção de ossos contemporâneos no
Rio Grande do Sul

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia (Área de concentração: Arqueologia).

Orientador: Prof. Dr. Danilo Vicensotto Bernardo
Coorientadora: Profa. Dra. Mariana Soares Valença

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

M357b Marques, Isabela da Silva

Bioarqueologia dos esquecidos [recurso eletrônico] : desafios éticos a partir do trabalho com uma coleção de ossos contemporâneos no Rio Grande do Sul / Isabela da Silva Marques ; Danilo Vicensotto Bernardo, orientador ; Mariana Soares Valença, coorientadora. — Pelotas, 2024.
78 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Coleções ósseas. 2. Bioarqueologia do contemporâneo. 3. Ética. 4. Arqueologia do passado recente. I. Bernardo, Danilo Vicensotto, orient. II. Valença, Mariana Soares, coorient. III. Título.

CDD 930

Isabela da Silva Marques

Bioarqueologia dos esquecidos: desafios éticos a partir do trabalho com uma coleção de ossos contemporâneos no Rio Grande do Sul

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre(a) em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 29/04/2024

Banca examinadora:

Prof. Dr. Danilo Vicensotto Bernardo

(Orientador)

Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Carolina Peixoto Magalhães

Doutora em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Pedro José Tótora da Glória

Doutor em Antropologia pela The Ohio State University

Prof. Dr. Pedro Luis Machado Sanches

Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que estiveram aqui comigo o tempo todo, às que estavam no começo, mas não estão mais, e às que chegaram só agora no final.

Agradecimentos

Como sempre, vou começar agradecendo aos meus pais e à minha família, por todo o suporte emocional (e financeiro) que tornou possível que essa farmacêutica pudesse se tornar mestre em Arqueologia. Desculpa, mãe, por todas as noites que eu liguei de madrugada chorando.

Obrigada, amigos, por me aguentarem por dois anos falando sobre ossos e reclamando sobre as questões éticas que os envolvem. Eu não seria justa comigo mesma se não agradecesse ao Gabriel também. Não estamos mais juntos, mas você foi muito importante durante a maior parte do meu processo para me tornar mestre.

Também tenho o dever de vir aqui agradecer aos meus webamigos: Evy e Cley. Evy, muito obrigada por todas as discussões antropológicas que foram sempre muito edificantes (e úteis), e Cley, muito obrigada por sempre me ajudar com meus problemas com inglês. Além disso, é muito importante vir aqui agradecer todos os momentos com livros, Taylor Swift e Percy Jackson.

Obrigada a Cassiie também, que de webamiga se tornou a pessoa que morou comigo durante um tempo e que, mesmo me ouvindo reclamar do mestrado, achou que seria uma boa ideia vir para cá fazer um também.

Monique, muito obrigada por nunca ter saído da minha vida. Obrigada pelos momentos que me acolheu e que ficou dando voltas de carro comigo pela cidade me ouvindo reclamar dos mais diversos aspectos da minha vida.

Gustavo, o odontoamigo, ninguém entende mais de ossos da cabeça que uma odontopessoa e eu nunca vou te deixar esquecer essa parte da Anatomia, porque você sempre é a minha referência. Obrigada por ter me ajudado a identificar os ossos cranianos, obrigada por ter me ajudado com o guia de marcações, obrigada pelos cafés, pelos almoços e por conversar comigo nas vezes em que eu precisei.

Kell, parece que depois de 10 anos a distância finalmente cobrou o seu preço e a gente acabou se afastando um pouco, ou talvez tenha sido apenas a vida adulta, mas obrigada por estar sempre lá quando precisei.

O que me lembra da Bruna Alves, que, apesar de morar pertinho, a vida adulta também nos afastou, mas nos presenteou com um belíssimo bebê durante o

meu mestrado. Amiga, espero que tu e o Caetano sejam muito felizes e saiba que sempre pode contar comigo.

CaféIn, apesar dos pesares, foi um capítulo muito importante da minha dissertação. Obrigada aos amigos que conheci lá e que, de certa forma, contribuíram com meu trabalho a partir de suas respectivas áreas: Amanda, Monique, Rafa, Yasmin e Mimoso. Obrigada aos baristas e estagiários: Antônio, Clara, Nataniel e Valentine (que também se tornaram amigos), por me alimentarem e fazerem cafés com desenhos de bichinhos para mim, e obrigada ao Rafael, por ceder um espaço tão acolhedor e familiar para que eu pudesse sentar e escrever minha dissertação.

Eu não ia, mas vou fazer um parágrafo especial para o Antônio. Obrigada pela companhia, por ficar triste junto comigo, por me ensinar coisas novas sobre café todo dia (mesmo eu não gostando de café), por me ouvir reclamar sobre como era difícil o meu trabalho com ossos e por sempre aceitar fazer bichinhos aleatórios no meu café... mesmo que às vezes eles ficassem feios.

Yasmin e Mimoso, espero que a gente ainda possa trabalhar juntos em alguns projetos, porque foi muito divertido ter ICs e monitores. Gosto muito do trabalho de ser professora, então preciso agradecer ao Pedro, Murilo, Bruna e Loki, por me permitirem ter essa experiência, espero não ter sido uma orientadora ruim.

Agradeço também aos inúmeros alunos da Medicina, Enfermagem e Odontologia, que ficaram curiosos ao me ver trabalhando naquela mesa cheia de ossos e às vezes vinham ajudar. Esse trabalho também tem um pouquinho de vocês.

Uma vez me disseram que a gente não precisa saber tudo, só ter o telefone de quem sabe, então preciso agradecer ao Loki e ao Cruzado, por deixarem meu Guia de Marcações tão bonito.

Você está aqui há pouquíssimo tempo, Emanuel, mas sua empolgação e incentivo para que eu continuasse foram muito importantes. Eu espero que você possa ver eu me tornando doutora.

De certa forma, preciso agradecer à minha psicóloga, Karine, e ao meu psiquiatra, o pai da psiquiatria pelotense, por me manterem sã durante esse processo.

Obrigada a todos os professores da Arqueologia que foram responsáveis por, atualmente, eu conseguir verbalizar que sou sim uma arqueóloga. Seus

ensinamentos foram vitais para esse processo, principalmente os do Pedro. Fiz todas as disciplinas que ele lecionou, inclusive uma que ele ofertou quando já estava finalizando minha dissertação, e talvez metade da arqueóloga que eu sou venha dos ensinamentos dele.

A outra metade com certeza vem do meu orientador, Danilo. Você foi um pai ausente durante a maior parte do processo, talvez porque eu nunca exigi muito de você também (mas gosto de pensar que é porque você acreditava muito no meu potencial). Ainda assim, sempre que aparecia agregava muito conhecimento e se hoje sinto que posso me chamar de bioarqueóloga é por sua causa.

Mariana, minha coorientadora, a pessoa que me ensinou (e ensina até hoje) a ser professora, obrigada por permitir que eu continuasse lá dando aulas com você mesmo depois de ter acabado meu estágio de docência. Obrigada por sempre estar por ali cuidando e perguntando sobre o que eu estava fazendo.

Todo o Departamento de Morfologia foi importante na minha formação. Obrigada aos técnicos e professores, que me acolheram e sempre responderam minhas perguntas esquisitas. Desculpa qualquer coisa, eu tentei ao máximo não atrapalhar a dinâmica lá.

E, por último, mas não menos importante, se você está aqui lendo esse trabalho é apenas porque eu tenho uma Tame. Tame, muito obrigada por acompanhar todo o desenvolvimento desse trabalho, desde quando ele era apenas um anteprojeto. Obrigada por ter me ajudado com meus textos durante os semestres, por ter puxado minha orelha às vezes e por tornar essa dissertação a coisa linda que ela é agora (desculpa pelas imagens e conversas traumáticas ao longo do caminho).

Espero não ter esquecido de ninguém, mas se você de alguma forma fez parte desse trabalho ou da minha formação, sinta-se agradecido e saiba que eu com certeza levo uma partezinha de você comigo.

*"No one laying roses on your bones
No tears, no loving memories."*

Rest in Peace, Dorothy (2022).

Resumo

MARQUES, Isabela da Silva. **Bioarqueologia dos esquecidos**: desafios éticos a partir do trabalho com uma coleção de ossos contemporâneos no Rio Grande do Sul. Orientador: Danilo Vicensotto Bernardo. 2024. 78 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

No Brasil, apesar dos avanços em Bioarqueologia, ainda há uma lacuna significativa de pesquisas nessa área, o que muitas vezes leva os pesquisadores a depender de bancos de dados de populações estrangeiras. À vista disso, torna-se evidente a necessidade de coleções de ossos contemporâneas originárias de populações brasileiras para a condução de pesquisas mais precisas e contextualizadas. Para além disso, é preciso reconhecer que o tratamento ético dessas coleções é crucial, uma vez que os ossos que as compõem representam indivíduos que viveram recentemente e, portanto, têm significados culturais e históricos ainda muito presentes na nossa memória. A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) possui uma coleção de ossos que exemplifica os desafios éticos enfrentados no tratamento de remanescentes esqueléticos. A partir da organização da coleção de ossos da UFPel, esse estudo objetiva analisar os desafios éticos associados à pesquisa com remanescentes humanos, visando preservar não apenas a integridade física dos ossos, mas também o valor histórico e cultural que estes representam. Foram desenvolvidos protocolos para a catalogação e organização dos ossos presentes na coleção, ao mesmo tempo em que se realizaram reflexões acerca da complexidade ética de lidar com remanescentes humanos no contexto das coleções esqueléticas contemporâneas. Como resultado, buscou-se promover uma abordagem ética e responsável na prática bioarqueológica no Brasil.

Palavras-chave: coleções ósseas; bioarqueologia do contemporâneo; ética; arqueologia do passado recente.

Abstract

MARQUES, Isabela da Silva. **Bioarchaeology of the forgotten**: ethical challenges on working with a contemporary bone collection in rio grande do sul. Advisor: Danilo Vicensotto Bernardo. 2024. 78 f. Dissertation (Masters in Anthropology) – Institute of Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

In Brazil, despite advances in bioarchaeology, there is still a significant gap in research in this area, which often leads researchers to rely on databases from foreign populations. Therefore, there is a clear need for contemporary bone collections from Brazilian populations in order to conduct more accurate and contextualized research. In addition, it is important to recognize that the ethical treatment of these collections is crucial, since bones represent individuals who lived recently and therefore have cultural and historical meanings that are still very present in our memory. The Federal University of Pelotas (UFPel) has a bone collection that exemplifies the ethical challenges faced when dealing with skeletal remains. Based on the organization of the UFPel bone collection, this study aims to analyse the ethical challenges associated with research with human remains, in order to preserve not only the physical integrity of the bones, but also the historical and cultural value they represent. Protocols were developed for cataloguing and organizing the bones in the collection, while also reflecting on the ethical complexity of dealing with human remains in the context of contemporary skeletal collections. As a result, the aim is to promote an ethical and responsible approach to bioarchaeological practice in Brazil.

Keywords: bone collections; bioarchaeology of the contemporary; ethics; archaeology of the recent past.

Lista de Figuras

Figura 1 – Coleção do CAV-UFPE	29
Figura 2 – Armazenamento da coleção do CAV-UFPE.....	30
Figura 3 – Processo de marcação realizado durante a pesquisa.....	34
Figura 4 – Captura de tela da planilha	35
Figura 5 – Acervo da sala de preparo	35
Figura 6 – Osso com código alfanumérico	36
Figura 7 – Armazenamento de ossos cranianos	37

Lista de abreviaturas e siglas

CAV	Centro Acadêmico de Vitória
EUA	Estados Unidos da América
IML	Instituto Médico Legal
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LIHOF	Laboratório de Identificação Humana e Osteologia Forense
MMT	Mínimo máximo total
NAGPRA	<i>Native American Graves Protection and Repatriation Act</i>
NME	Número mínimo de elementos
NMI	Número mínimo de indivíduos
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFCSPA	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas

Sumário

1	Introdução	13
1.1	Justificativa	15
1.2	Objetivos.....	16
2	Referencial teórico.....	18
2.1	Arqueologia: do passado ao contemporâneo	18
2.2	Ossos como testemunha: uma breve introdução à Bioarqueologia.....	22
2.3	Por dentro das coleções ósseas.....	25
2.3.1	Coleção do Centro Acadêmico de Vitória (CAV-UFPE).....	28
3	Metodologia.....	31
3.1	Descrição da pesquisa.....	31
3.2	Procedimentos e ferramentas metodológicas.....	32
4	Desenvolvimento e resultados	33
5	Discussões.....	40
5.1	Ética em pesquisas com remanescentes humanos.....	40
5.2	Bioarqueologia dos esquecidos	41
5.3	Memorial dos Esquecidos.....	43
6	Considerações Finais.....	46
	Referências	48
	Apêndices.....	56
	Anexos.....	72

1 Introdução

Quase todas as partes do nosso corpo carregam um eco das nossas experiências, hábitos e atividades. Muitas dessas lembranças acabam marcadas dentro do esqueleto e como os ossos e dentes humanos são extremamente resistentes, eles costumam formar o registro mais duradouro da existência de um indivíduo. Esses remanescentes podem, ainda, viabilizar a coleta de pistas significativas sobre o passado (White; Black; Folkens, 2011; Black, 2022).

Diante disso, um dos propósitos da prática bioarqueológica é tentar extrair o máximo de informações morfológicas, antropométricas e tafonômicas a partir dos remanescentes humanos, assim como analisar a forma como certas experiências de vida ficam escritas nos ossos e usar a ciência para contar essas histórias (Black, 2022).

Souza (2009) relata que a Bioarqueologia tem auxiliado em grandes avanços nos estudos de remanescentes humanos, inclusive em estudos do passado recente. No entanto, a situação dos vestígios do passado contemporâneo é complexa, pois eles ainda estão imersos em nosso presente. A título de exemplo, um esqueleto com menos de sessenta anos, que não apresenta contexto forense, pode ser visto como de origem arqueológica (Black, 2022). Logo, bioarqueólogos podem aliar a análise osteológica a uma preocupação tipicamente arqueológica, principalmente pelo significado social de objetos associados aos remanescentes humanos.

Existe uma relação muito explorada na Paleontologia sobre a biocenose e a tafocenose¹, fundamental para entender a formação e preservação dos remanescentes orgânicos. Quando aplicamos esse conhecimento na prática bioarqueológica, percebemos que quanto mais recente e/ou completo o esqueleto, mais detalhes de sua história podem ser extraídos. Por conseguinte, esqueletos em contextos arqueológicos, sejam eles recentes ou não, podem auxiliar na análise de grupos de indivíduos e na compreensão sobre a sua estrutura populacional,

¹ Biocenose refere-se à comunidade de vida em um determinado ambiente. Ela inclui todos os organismos vivos (plantas, animais e microrganismos) que interagem e coexistem em um ecossistema específico, enquanto a tafocenose estuda os processos complexos que moldam a preservação e a transformação dos remanescentes orgânicos (Simões *et al.*, 2010).

afinidades biológicas, processos migratórios, comportamentos culturais e padrões de doença (Sanabria-Medina *et al.*, 2016; Lyrio, 2021).

No Brasil, existe uma carência de pesquisas em Bioarqueologia, principalmente em osteologia, o que acaba por gerar a necessidade da utilização de bancos de dados baseados em populações nativo-americanas (ameríndias), europeias e asiáticas. Por terem pouca miscigenação, diferentemente da população brasileira, as análises que se utilizam dessas bases podem produzir dados incorretos, impedindo ou dificultando a identificação médico-legal (Soares, 2008).

Entende-se, então, a necessidade de esqueletos completos com informações conhecidas que permitam aos pesquisadores desenvolver e aprimorar métodos de análise bioarqueológica e bioantropológica no Brasil. Para esta problemática, as coleções esqueléticas contemporâneas, compostas por ossos provenientes de hospitais ou cemitérios, são uma alternativa mais viável à coleta de tais informações (Salceda *et al.*, 2012). No entanto, ao considerar o contexto histórico brasileiro, de condições ambientais desfavoráveis de preservação (biocenose) e do predomínio de práticas culturais redutoras de corpos e ossos, a constituição de coleções de referência osteológica ainda é uma carência que precisa ser suprida (Souza, 2010).

Plens, Górka e Quintero (2022), assim como Cunha *et al.* (2018), citam em suas pesquisas algumas das principais coleções brasileiras: três delas se encontram no Nordeste (Pernambuco, Sergipe e Bahia) e outras quatro ficam no estado de São Paulo. Além dessas, há uma outra coleção de ossos conhecida que fica no Amazonas (Cardoso; Lira, 2016).

Vale ressaltar que todas essas coleções de referência são compostas majoritariamente por esqueletos completos, separados por indivíduo e com registros *ante mortem* (principalmente sexo biológico e idade à morte) (Cunha *et al.*, 2018). Diferentemente, podemos citar o caso da coleção osteológica presente na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde os ossos estão organizados e separados por tipo.

A coleção de ossos do Departamento de Morfologia da UFPel é utilizada apenas para fins didáticos, em aulas de Anatomia, e nenhuma pesquisa foi realizada com ela até o presente momento. Destaca-se, portanto, a necessidade de um trabalho mais aprofundado com essa coleção, a fim de desenvolver o seu potencial para o suporte de pesquisas bioantropológicas, bioarqueológicas e anatômicas.

Para além da abordagem técnica, destaca-se a relevância de explorar os desafios éticos relacionados ao tratamento dos esqueletos presentes em coleções ósseas, os quais são muitas vezes negligenciados. Diante disso, faz-se crucial ampliar o nosso entendimento sobre como a comunidade científica lida com esses elementos, reconhecendo sua história e significado cultural. Este enfoque ético não apenas enriquece a pesquisa, mas também estabelece a base para práticas responsáveis, assegurando o respeito aos indivíduos representados pelos esqueletos e contribuindo para uma conduta mais consciente no âmbito da Bioarqueologia.

1.1 Justificativa

O trabalho de um arqueólogo é contar histórias e entender os comportamentos e as motivações de populações antigas por meio dos pequenos fragmentos deixados por elas, seja usando uma lasca de cerâmica ou uma ponta de flecha. Já o propósito da prática bioarqueológica é tentar extrair o máximo de informações a partir dos remanescentes humanos.

Uma tíbia fraturada pode ser resultado de uma partida de futebol na infância ou o levantamento de peso todos os meses pode deixar marcas nas inserções musculares nos ossos. Às vezes, esses detalhes de uma vida passam despercebidos, mas nas mãos de um bioarqueólogo representam informações fundamentais para a compreensão de quem eram aquelas pessoas em vida e o que aconteceu com elas na morte. Contudo, mesmo que os ossos sejam as últimas testemunhas da forma como vivemos, ao nos acostumarmos a vê-los em um laboratório, secos e mortos, esquecemos que um dia estes fizeram parte de uma pessoa viva, crescendo, mudando e se adaptando ao seu estilo de vida.

A título de exemplo, a coleção da UFPel foi formada por ossos vindos de um cemitério municipal do interior do estado, que passaram quase 40 anos sendo colocados de um lado para o outro em sacos, para no final terem partes descartadas por não serem “boas o suficiente”. Tal situação levanta diversos questionamentos acerca do tratamento degradante comumente dado às ossadas, tanto por parte do poder público quanto da comunidade científica.

Nesse sentido, faz-se necessário evidenciar que a ética envolvida em pesquisas que abrangem remanescentes humanos, principalmente os recentes,

difere-se essencialmente da presente na maioria dos estudos arqueológicos e recebem legislações e regulamentações específicas que mudam de um país para o outro. Segundo Almeida (2018), ainda que essas legislações contribuam, de certa forma, para um tratamento mais ético desses remanescentes, na prática, parece que os pesquisadores esquecem que eles representam os indivíduos sob os quais foram originados.

O autor destaca, ainda, que o Brasil já está pronto para uma abordagem mais respeitosa com os remanescentes humanos, mas enquanto isso não se inicia, é de suma importância termos cautela ao trabalhar com esqueletos, pois “[...] o que tratamos enquanto objeto de estudo não deve ser visto apenas como meros objetos: deve ser incorporada uma visão ética: tratam-se de seres humanos” (Almeida, 2018, p. 50).

À vista disso, faz-se necessário incorporar princípios éticos na prática bioarqueológica, desde a coleta dos esqueletos até a exibição das coleções. Uma vez que, nesse contexto, a ética não deve envolver apenas a preservação da integridade física dos ossos, mas também considerar a importância histórica e cultural associada aos remanescentes humanos. Para mais, a importância de estudar a coleção do Departamento de Morfologia da UFPel se fundamenta no fato de que esta é uma coleção composta majoritariamente por indivíduos jovens e adultos contemporâneos e íntegros, podendo, assim, apresentar um valor diferenciado tanto para fins didáticos quanto científicos.

1.2 Objetivos

A partir da organização da coleção de ossos da UFPel, objetiva-se analisar os desafios éticos associados à pesquisa com remanescentes humanos, visando preservar não apenas a integridade física dos ossos, mas também o valor histórico e cultural que estes representam.

Para tanto, definiu-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar o estado atual de organização da coleção de ossos presente no Departamento de Morfologia da UFPel;
- Estabelecer um protocolo otimizado para a catalogação e organização das ossadas, tomando como *focus* as necessidades da coleção do Laboratório

Anatômico da UFPel;

- Levantar reflexões acerca da complexidade ética de lidar com remanescentes humanos no âmbito da organização de coleções ósseas contemporâneas.

2 Referencial teórico

2.1 Arqueologia: do passado ao contemporâneo

Por muito tempo acreditou-se que a Arqueologia tinha como objetivo a coleção, descrição e classificação de objetos antigos (Funari, 2003). Entretanto, a Arqueologia, enquanto área do conhecimento, tem um foco muito mais amplo. Ela auxilia a História e a Antropologia ao fornecer informações sobre as semelhanças e diferenças, tanto físicas quanto culturais, que caracterizam a existência das sociedades humanas (Binford, 1962).

Funari (2003, p. 15) descreve que “[...] a Arqueologia estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial sem limitações de caráter cronológico”. Desse modo, o arqueólogo se esforça para compreender essas estruturas ao mesmo tempo em que percebe que nenhuma estrutura será completamente ou totalmente revelada, dada a sua visão subjetiva e comparativa do todo (Dickinson, 2018).

Sendo assim, o método arqueológico precisa considerar as origens históricas ou as múltiplas histórias que podem ser traçadas a partir das análises de fragmentos materiais, sem se deixar ser afetado pela subjetividade contemporânea que antecede ao indivíduo (Dickinson, 2018).

Ao se utilizar da historiografia como forma de contextualizar as evidências arqueológicas, a Arqueologia Histórica parte do pressuposto de que uma comunidade seria composta de um povo, um território e uma cultura (Morales, 2014). E, embora seja alvo de muitas críticas, o modelo histórico-cultural ainda é o mais utilizado na Arqueologia Histórica, pois acredita-se que a cultura seja homogênea e que as tradições são repassadas e, portanto, previsíveis (Funari, 2010).

O modelo histórico-cultural pode ser subdividido, tendo como base tempos e espaços (culturas) diferentes, partindo da Arqueologia Paleolítica, Arqueologia Clássica ou Egíptologia — cujas fontes principais de conhecimento eram os vestígios materiais. Esse modelo também inclui a Arqueologia Medieval, que se destaca pelo uso predominante de relatos escritos como fontes de informação. Isso

ocorre quando falamos de arqueologias do velho mundo, que estudavam a civilização europeia e as suas origens, uma vez que a Arqueologia americana possui uma Arqueologia “pré-histórica” muito mais recente (Trigger, 2004; Funari, 2010).

Sobre o estudo dos períodos pré-históricos recentes, Trigger (2004, p. 11) nos explica que, este “[...] combina, com frequência, os achados arqueológicos com dados de diversas outras fontes, incluindo-se a linguística, folclore, antropologia física e etnologia comparada”. Isso fez com que, na metade do século XX, novos modos de fazer Arqueologia fossem elaborados.

No contexto da Arqueologia norte-americana, no início da década de 1960, surgiu um movimento denominado Arqueologia Processual, descrito nos trabalhos de Lewis R. Binford (1931–2011). A Arqueologia Processual apresentava uma interpretação materialista pouco preocupada com as diversidades culturais e atingiu seu ápice durante a década de 1970. As críticas mais contundentes referentes à Arqueologia Processual dizem respeito à forma de tratar os dados como se fossem apenas coisas estáticas e previsíveis, que deveriam ser explicadas de forma objetiva, generalista. Além disso, esse movimento tinha o intuito de elevar o status científico da Arqueologia, ao contrário do modelo histórico-cultural que, segundo os processualistas, apresentava um caráter não-científico (Santos, 2020).

Diferentemente, durante a década de 1980, a Arqueologia americana deu início a um outro movimento, que dava importância para a vida social dos objetos e ao sentido simbólico que estes assumem dentro das sociedades, a chamada Arqueologia Pós-processual, apresentada nos textos de Ian R. Hodder (1948–) (Santos, 2020).

Segundo Santos (2020), uma das principais novidades desse movimento foi o entendimento da cultura material como um texto que requer interpretação por parte do pesquisador. Sob esse viés, os arqueólogos passaram a ser vistos como, além de tudo, cientistas sociais que buscam uma mediação entre o passado e o presente. Vale ressaltar que essas interpretações do passado sempre serão feitas segundo uma visão contemporânea do arqueólogo.

Mesmo existindo diversos modelos de pensamentos arqueológicos atualmente, os modelos histórico-culturais continuam sendo muito difundidos, tanto por serem os primeiros modelos quanto por ainda serem úteis para responder às inquietações históricas (Funari, 2010). Sendo assim, o modelo histórico-cultural acaba servindo como uma ponte para ações sociais que permitem que os indivíduos

possam contribuir na interpretação do registro arqueológico. À vista disso, a função do arqueólogo como agente social é procurar compreender os processos materiais-discursivos por meio da aplicação de um conjunto de métodos arqueológicos etnográficos, seja em peças do período paleolítico ou do século XX (Harrison, 2018).

Para Gusmão (2015), a importância do contexto histórico-cultural contribui ativamente para o processo de interação entre o homem e o mundo que o cerca. Logo, um dos desafios centrais da Arqueologia nas próximas décadas será encontrar um modo de analisar fenômenos emergentes, contemporâneos e sociomateriais.

Em consequência dessa evolução do pensamento arqueológico ao longo das últimas décadas, um dos subcampos da Arqueologia Histórica, conhecido como Arqueologia do Contemporâneo, se desenvolveu ao focar no estudo de assuntos referentes ao passado recente e ao decolonialismo presente no século XX (Harrison, 2018).

Ao analisar a origem etimológica da palavra “arqueologia”, vemos que ela vem do grego: *arkhé*, “antes, o que veio primeiro, velho”, e *logos*, que significa “tratado, estudo”; ou seja, o “estudo das coisas antigas”. Entretanto, cabem outros sentidos na palavra *arkhé*, dentre os quais Shanks e Tilley (2016) apontam que, em um contexto filosófico, ela significa “poder, princípio”; isto é, a Arqueologia também poderia ser vista como o “estudo do poder”.

Desse modo, é possível redefinir a Arqueologia como não sendo mais apenas o estudo do velho, do antigo, e expandir suas preocupações para momentos mais recentes da história humana. A Arqueologia do Contemporâneo, por vezes, também chamada de Arqueologia do Passado Recente, se utiliza desses ressignificados e faz uso dos métodos e teorias arqueológicas para interpretar fatos recentes.

Embora, normalmente, seja vista como uma variação da Arqueologia Histórica, acredita-se que a Arqueologia do Contemporâneo surgiu do interesse na Etnoarqueologia dentro da Arqueologia Processual. Nesse âmbito, são reconhecidas como as primeiras publicações formais de Arqueologia do Contemporâneo as obras *Modern Material Culture Studies*, de Rathje (1979), e *Modern Material Culture: The Archaeology of Us*, de Gould e Schiffer (1981).

Entretanto, foi apenas em 2001 que ela surgiu como disciplina, quando Victor Buchli e Gavin Lucas (2001) escreveram um livro denominado *Archaeologies of the Contemporary Past*, que conta com textos de arqueólogos de diversos lugares do

mundo. Ruibal (2019) nos explica que os temas mais comumente investigados na Arqueologia do Contemporâneo focam em acontecimentos do século XX, tais como: fim dos impérios coloniais, guerras civis, ditaduras, despovoamento rural, emigração e colonialismo.

Santos (2020) complementa ao dizer que:

[...] é possível definir a Arqueologia do Passado Recente, ou simplesmente Arqueologia Contemporânea, como sendo uma área da Arqueologia que se propõe a estudar um passado ainda presente na memória da sociedade (Santos, 2020, p. 69).

Em suma, os arqueólogos criam discursos sobre o passado traduzindo objetos em relatos e, do ponto de vista metodológico da Arqueologia do Contemporâneo, os vestígios são tratados da mesma forma que seriam se fossem vestígios paleolíticos, apenas com menos carga histórica envolvida.

Nesse sentido, podemos apontar a análise forense como uma das aplicações da Arqueologia do Contemporâneo. Uma vez que, a análise feita por peritos forenses em cenas de crime se utiliza de objetos (artefatos), resquícios biológicos e remanescentes humanos para tentar recriar/reimaginar as circunstâncias do delito em questão a fim de preencher as lacunas informacionais existentes.

Essa possibilidade de aplicar as metodologias e ferramentas arqueológicas em contextos mais recentes coloca a área em evidência e influencia no aumento da busca por conhecimento acerca das ciências forenses. Em concordância, Merli (2018) aponta que esse interesse se reflete tanto na comunidade científica quanto na sociedade em geral, especialmente ao considerarmos que o aumento de publicações na área de ciências forenses ocorreu na mesma época em que foram lançadas as principais séries televisivas envolvendo esse tipo de análise.

No mesmo contexto, a Bioarqueologia se apresenta como uma das subáreas da Arqueologia que se preocupam em investigar e atribuir significado aos remanescentes humanos. Para tanto, a Bioarqueologia direciona seus esforços à compreensão dos aspectos biológicos, comportamentais e culturais das populações do passado, tal como será visto no subtópico a seguir.

2.2 Ossos como testemunha: uma breve introdução à Bioarqueologia

Nos Estados Unidos da América (EUA), a Antropologia, enquanto ciência, pode ser dividida em quatro campos: Antropologia Linguística, Antropologia Social e Cultural, Arqueologia e Antropologia Física² (Larsen, 2018). Nesse caso, a Bioarqueologia se encaixa como uma “subárea” entre a Arqueologia e a Antropologia Física.

À vista disso, podemos dizer que a Bioarqueologia:

[...] visa estudar os remanescentes humanos recuperados a partir do registro arqueológico, com vistas a interpretação de eventos, como doenças, estresse fisiológico, traumas, morte violenta, atividade física, uso dos dentes e dieta e história demográfica ao longo da vida dos indivíduos e populações, representando a interface entre Biologia e Cultura de populações passadas (Bernardo; Da-Gloria; Hubbe, 2020, p. 95).

Contudo, se analisarmos a Bioarqueologia no contexto europeu, o conceito é mais amplo e engloba o estudo de todos os vestígios de natureza biológica (como plantas e animais) recuperados em contexto arqueológico (Bertasi, 2018). Sendo assim, o que nos EUA é definido como “Bioarqueologia” pode também ser chamado de “Osteoarqueologia”.

Baker e Agarwal (2017) nos trazem uma visão diferente sobre a definição de Bioarqueologia e a descrevem como uma disciplina relativamente nova, que objetiva aprimorar a nossa compreensão sobre a vida, a morte e as inter-relações entre as populações passadas. Para fins de reconhecimento, utilizaremos na presente pesquisa o conceito simplificado de Souza (2019), que retrata a Bioarqueologia apenas como o estudo dos remanescentes humanos.

Ao investigar os métodos que a Bioarqueologia utiliza e a forma como ela evoluiu, faz-se necessário investigar o seu surgimento enquanto disciplina. Em seu livro *Bioarchaeology: the contextual analysis of human remains*, Buikstra (2006) utiliza o capítulo inicial, intitulado *Historical Introduction*, para nos apresentar a uma série de pesquisadores que foram precursores em seus estudos com esqueletos humanos.

² Há algum tempo, mudou-se o nome de “Antropologia Física” para “Antropologia Biológica”. Alterando, inclusive, o nome da atual American Association of Biological Anthropologists (AABA), anteriormente chamada de American Association of Physical Anthropologists (AAPA). Essa alteração promoveu um longo debate sobre a necessidade e as consequências da mudança (AABA, 2018).

Para a autora, a Antropologia Física possui um passado extremamente eugenista, mas a necessidade de comprovar essas teorias fez com que diversos métodos bioarqueológicos fossem desenvolvidos. Inicialmente, e embora as discussões sobre a origem e a diversidade humana tenham sido influenciadas por teorias raciais do século XVIII, Thomas Jefferson (1743–1826), o terceiro presidente dos Estados Unidos, foi pioneiro ao estudar remanescentes humanos indígenas. Ele ressaltava a importância de abordagens interdisciplinares e utilizava metodologias de Anatomia comparada para classificar crânios e esqueletos (Buikstra, 2006).

Samuel George Morton (1799–1851), escritor do *Crania Americana* (1839), coletou crânios para estudos de craniologia, perpetuando visões racialmente discriminatórias (Redman, 2016). Além dele, Josiah Nott (1804–1873) e George Gliddon (1809–1857) também associaram características cranianas a traços comportamentais e intelectuais (Gould, 2014).

Enquanto isso, Jeffries Wyman (1814–1874), curador do Peabody Museum, expandiu a abordagem anatômica para estudar aspectos comportamentais e culturais, bem como introduziu o estudo de esqueletos humanos em um contexto cultural e comportamental. Dentre as principais questões abordadas pelo pesquisador, destaca-se: distância biológica, deformação craniana, demografia, sexo biológico, atividade diária e dieta (Buikstra, 2006).

Nesses primeiros anos após o surgimento da Bioarqueologia, os estudos de distância biológica baseada nos crânios, a observação de deformação craniana e a análise demográfica foram comuns, sendo a craniometria amplamente reconhecida como uma técnica sistemática para a medição do crânio. Essa abordagem possibilita a compreensão da variação morfológica dos crânios humanos em condições naturais; isto é, em relação às características biológicas intrínsecas de indivíduos e populações. Para mais, a relação entre forma óssea e atividade diária, além das questões dietéticas, também foram exploradas (Soder, 2015). Esses foram, portanto, os pequenos progressos nas metodologias bioarqueológicas que pavimentaram o caminho para uma abordagem mais diversificada no século XX.

No início do século XX, Aleš Hrdlicka (1869–1943) — diretor da Divisão de Antropologia Física do Smithsonian National Museum of Natural History (na época ainda chamado de United States National Museum) — foi uma influente figura na Antropologia Biológica dos EUA e a sua ênfase era na coleta de material esquelético para análise. Na mesma época, Earnest Hooton (1887–1954), conhecido pelo seu

trabalho *The Indians of Pecos Pueblo* (1930), tinha uma abordagem diferente de Hrdlicka, com ênfase na integração entre conhecimento arqueológico e bioantropológico (Buikstra, 2006).

Ambos contribuíram para o desenvolvimento da Antropologia Física nos EUA, mas com abordagens e focos distintos, auxiliando nos métodos de recuperação de remanescentes humanos de contextos arqueológicos e na criação de coleções de pesquisa significativas.

O trabalho realizado em Pecos Pueblo se tornou referência na Arqueologia americana e na Antropologia Física, sendo visto como um dos mais importantes para o desenvolvimento da Bioarqueologia. Neste trabalho, Hooton trouxe “*insights*” sobre análise de ossos, idade, sexo, demografia e doenças (Beck, 2006).

Hooton analisou esqueletos em Pecos de forma pioneira ao utilizar dados de campo, bem como ao se basear em Alfred Kidder (1885–1973), para fazer questionamentos sob uma perspectiva arqueológica. Em vez de analisar todo o sítio, ele subdividiu a amostra com base na cronologia de Kidder e investigou como a comunidade mudou ao longo do tempo, uma abordagem inovadora para os anos 1920 (Beck, 2006).

Ele também foi precursor em análises detalhadas de esqueletos, paleopatologia e dinâmica populacional, analisando várias patologias — incluindo artrite, inflamações, traumas e anomalias — e observando correlações entre doenças e padrões de distribuição no sítio (Beck, 2006). Com isso, a análise de *Pecos Pueblo*³ se configura em uma das apresentações mais completas da Bioarqueologia, uma vez que se utilizou de diversos métodos e abordagens inovadoras para estudar saúde populacional e demografia.

Atualmente, considera-se que as técnicas utilizadas para individuar ossadas (determinação de sexo biológico, estimativa de idade, altura ou afinidade populacional) não funcionam da mesma forma em todas as populações. Essa dificuldade na aplicação dos parâmetros de análise já conhecidos se torna ainda mais evidente ao considerarmos que a população brasileira possui altos fatores de miscigenação (Carvalho *et al.*, 2020).

³ Os remanescentes humanos escavados em Pecos Pueblo foram repatriados em maio de 1999 pelo *Native American Graves Protection and Repatriation Act* (NAGPRA) (Goodman; Martin, 2002).

Diante disso, vê-se a necessidade de uma boa base osteológica para a compreensão dos remanescentes humanos, bem como para o desenvolvimento de métodos de análise mais adequados às especificidades do nosso país.

2.3 Por dentro das coleções ósseas

White, Black e Folkens (2011) destacam que a capacidade de identificar material esquelético é uma habilidade que só pode ser adquirida por meio do estudo de espécimes reais, o que nem sempre é uma tarefa fácil quando se trata de esqueletos encontrados em sítios arqueológicos.

É preciso considerar que a biocenose no Brasil é diversificada e rica, o que implica que não há um único tipo de ambiente afetando a tafocenose, criando assim uma imagem alterada desses remanescentes. Essa imagem é vista por Simões *et al.* (2010) e Souza (2019) como um “retrato da morte” ou “*Todesbild*”, termos que se referem à tentativa de reconstruir e compreender a vida e a morte dos nossos antepassados a partir dos vestígios ósseos humanos encontrados em contextos arqueológicos.

Outros fatores que impactam na preservação dos remanescentes humanos arqueológicos no Brasil são a densidade populacional e o clima. Além disso, mais da metade dos povos originários brasileiros apresentam rituais que aceleram a decomposição a fim de apressar a passagem espiritual para o mundo dos mortos (Souza, 2010). Com isso, temos remanescentes ósseos fragmentados, queimados ou até mesmo em cinzas.

Entende-se, então, a necessidade de esqueletos completos com informações conhecidas, que permitam aos pesquisadores desenvolver e aprimorar métodos de estimativa de sexo, idade ou estatura. Por essa razão, as coleções ósseas — tais como as didáticas presentes nas universidades brasileiras — desempenham um papel crucial para o desenvolvimento de pesquisas bioarqueológicas.

Concomitantemente, o acesso a remanescentes humanos, como os presentes em coleções ósseas contemporâneas, oferece recursos e exemplos de populações modernas para as mais diversas pesquisas, como estudos morfológicos, morfométricos e estudos de casos patológicos comparativos (Cardoso; Lira, 2016).

Tradicionalmente, as coleções osteológicas de museus são criadas com remanescentes de esqueletos humanos adquiridos por meio de escavações

arqueológicas. Já as coleções esqueléticas contemporâneas presentes em universidades são compostas por ossos provenientes de hospitais ou cemitérios (Salceda *et al.*, 2012).

A fim de compreender como funciona o processo de aquisição de corpos e esqueletos para fins científicos ou didáticos, é preciso destacar que, no Brasil, quando os ossos são de origem arqueológica, eles caem sob a autoridade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e são vistos e tratados como qualquer outro artefato arqueológico, exceto se formos trabalhar com seu material genético. Neste caso, eles passam a ser vistos como material humano e ficam resguardados pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, a qual estabelece que pesquisas envolvendo humanos precisam passar por comitês de ética (Alpaslan-Roodenberg *et al.*, 2021; Brasil, 2012).

Os corpos doados para pesquisa, total ou parcialmente, são protegidos pela Lei nº 8.501/92. Em relação aos cadáveres, são feitos formulários ainda em vida, os quais são registrados em cartório. Assim, quando ocorre o falecimento, a família comunica a instituição, que recolhe o corpo e faz os devidos preparos (Brasil, 1992; UFPel, 2019). No caso dos corpos com carne e um rosto, é respeitado o direito da família, que também fica resguardada pela Lei nº 8.501/92, inclusive com direito a reclamar o corpo de volta, se assim desejarem. No entanto, esse direito é retirado dos ossos, tanto na coleção da UFPel quanto nas grandes coleções de referência, citadas por Cunha *et al.* (2018).

Quanto aos remanescentes doados por cemitérios, a maioria das cidades possuem legislações próprias sobre o destino dos cadáveres enterrados nos cemitérios, o que permite a reutilização de seus espaços, como ocorre no município de Pelotas, localizado no Rio Grande do Sul. A Lei Municipal nº 4.126/96 instituiu a prática de cremação de cadáveres e incineração de restos mortais (Pelotas, 1996). Entretanto, mesmo a referida lei tendo mais de 25 anos, o município ainda não conta com um crematório próprio e os ossos da maioria dos cemitérios acabam esquecidos em depósitos — em sacos com pouca identificação —, pelo menos até que possam ser doados para alguma universidade.

Sendo assim, os ossos que fazem parte de coleções acadêmicas, que vêm de cemitérios, costumam se formar a partir de esqueletos que não foram reclamados pelos familiares e ficam sob a tutela do cemitério. Ou seja, essas coleções

costumam ser, normalmente, compostas por cadáveres esqueletizados de pessoas abandonadas ou inadimplentes (Ferreira *et al.*, 2014; Sanabria-Medina *et al.*, 2016).

Este processo de tomada de guarda de ossos armazenados em cemitérios se mostra presente em praticamente todas as coleções estudadas, sejam elas internacionais ou nacionais (Sanabria-Medina *et al.*, 2016; Ferreira *et al.*, 2014; Plens; Górka; Quintero, 2022; Cunha *et al.*, 2018).

Page (2011), em seu trabalho intitulado *The Significance of Human Remains in Museum Collections: Implications for Collections Management*, classifica as coleções de remanescentes humanos, com base em suas funções e aplicações, em várias categorias, incluindo: arqueológicas, históricas, médico-científicas, religiosas, etnográficas e estéticas. No entanto, para simplificar a presente análise, serão utilizados apenas os termos “coleções identificadas” e “coleções não identificadas”.

As coleções identificadas têm o propósito de serem utilizadas em pesquisas relacionadas à Antropologia Forense e à identificação humana, como evidenciado nas coleções identificadas no trabalho de Cunha *et al.* (2018). Por outro lado, as coleções não identificadas são, geralmente, destinadas a fins didáticos, como observado nos laboratórios de Anatomia de universidades, a exemplo da coleção presente na UFPel.

Esses diferentes tipos de coleções apresentam vantagens e desvantagens distintas. A título de exemplo, os benefícios das coleções identificadas para pesquisa em Antropologia Biológica e identificação humana são significativamente superiores aos das coleções não identificadas, devido ao fato de que coleções identificadas fornecem informações dos indivíduos para fins de comparação. No entanto, é importante notar que as coleções identificadas demandam um espaço consideravelmente maior para armazenamento.

Por sua vez, as coleções não identificadas oferecem uma maior diversidade ao ensinar Osteologia e permitem armazenar um número maior de espécimes em um espaço mais reduzido. Além disso, por serem compostas de indivíduos locais, elas podem ser utilizadas para fornecer informações sobre a população contemporânea de onde provêm.

No Brasil, três das principais coleções osteológicas presentes em universidades estão localizadas no Nordeste — nos estados de Pernambuco, Sergipe e Bahia — e outras quatro ficam no estado de São Paulo (Cunha *et al.*,

2018; Plens; Górká; Quintero, 2022). Além dessas, há uma outra coleção de ossos conhecida que fica no Amazonas (Cardoso; Lira, 2016).

Observa-se que na pesquisa de Cunha *et al.* (2018), intitulada *The Brazilian Identified Human Osteological Collections*, os autores apontaram para a existência de apenas uma coleção identificada no estado de Pernambuco. No entanto, no decorrer da presente pesquisa de mestrado, foi possível identificar outras duas coleções identificadas em Pernambuco, ambas pertencentes à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): uma localizada no campus de Recife e outra no Centro Acadêmico de Vitória (CAV).

Com o intuito de realizar uma comparação entre coleções identificadas e não identificadas, foi iniciado o contato com uma das professoras responsáveis pela coleção do CAV, a fim de obter informações sobre essa coleção de ossos contemporâneos. A partir desses diálogos, revelou-se que ainda não foi realizado nenhum trabalho descrevendo a coleção do CAV, além de outras informações relevantes que serviram de base para a presente pesquisa e que serão melhor exploradas no subtópico a seguir.

2.3.1 Coleção do Centro Acadêmico de Vitória (CAV-UFPE)

A Coleção de Ossos Contemporâneos da Universidade Federal de Pernambuco, localizada no Centro Acadêmico de Vitória (CAV-UFPE), foi estabelecida em 2007 pela professora Carolina Peixoto Magalhães, que continua a ser a responsável e principal curadora da coleção.

No dia 23 de janeiro de 2024, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a professora Carolina via *Google Meet*. Durante a entrevista, ela explicou que a atual coleção do CAV é subdividida entre o acervo didático utilizado nas aulas de Osteologia e o acervo científico do Laboratório de Identificação Humana e Osteologia Forense (LIHOF) (Figura 1). Este último é composto exclusivamente por esqueletos identificados, destacando a ênfase na vertente científica e forense da coleção.

Figura 1 – Coleção do CAV-UFPE



Fonte: acervo pessoal da Carolina Peixoto Magalhães (2023).

Assim como em boa parte das outras coleções ósseas (nacionais e internacionais), os esqueletos presentes na coleção do CAV vêm de cemitérios municipais. No entanto, o processo de guarda desses remanescentes humanos vem de um pedido feito à prefeitura da cidade. Diante disso, atualmente, todas as exumações são feitas pela professora Carolina e seus alunos, o que garante um tratamento mais adequado a esses remanescentes.

A equipe do LIHOF também tem acesso aos registros digitais do cemitério, que informam nome, sexo biológico, idade, data de inumação, causa da morte e a data de exumação. Posteriormente, todas essas informações são repassadas para o registro da coleção, salvo o nome completo, do qual são mantidas apenas as iniciais a fim de preservar a identidade dessas pessoas. A professora também relatou que eles entraram com um pedido para a criação de uma lei municipal por meio de um vereador para que possam ter sempre o direito à guarda desses esqueletos.

Em relação ao tratamento dado aos esqueletos que chegam ao laboratório, apontou-se que eles passam por um processo de preparo que consiste em lavagem com água e sabão e banho em hipoclorito por 24 horas cada um, seguido por lavagem em água corrente e, por fim, ficam 2 dias em uma estufa. Finalizada a limpeza, todos os ossos recebem um número de identificação que consiste em “CAV-[número do indivíduo]”. A marcação é feita com esmalte em base e caneta nanquim, seguindo as recomendações básicas de catalogação de ossos sugerida por Neves (1988) e Okumura (2015).

Figura 2 – Sistema de armazenamento em caixas da coleção do CAV-UFPE



Fonte: acervo pessoal da professora Carolina Peixoto Magalhães (2023).

Cada esqueleto (completo ou parcial) é armazenado em uma caixa, como pode ser observado na Figura 2. As vértebras são guardadas em ordem e unidas por um cordão, já ossos pequenos ou muito numerosos, como as costelas, são armazenados em sacos *ziplock*.

Em janeiro de 2023, a coleção do CAV contava com 222 esqueletos de idades entre 17 e 102 anos, sendo a maioria dos indivíduos com mais de 50 anos. Por conta disso, os esqueletos apresentam muito desgaste e osteoartroses. Segundo a professora, a coleção de ossos presente no campus de Recife é a que fica a cargo dos esqueletos infantojuvenis, além dos adultos.

Atualmente, planeja-se transformar a coleção em um Museu de Antropologia Forense, visto que ela conta com diversos ossos raros e diferentes, como ossos longos com fixadores externos ou próteses. Para mais, vale destacar que, mesmo que a coleção do CAV tenha servido de base para diversos trabalhos acadêmicos nas áreas de Morfologia, Antropologia Forense e Odontologia Forense, até o presente momento, ainda não foi realizada uma pesquisa que descreva adequadamente o processo de criação e as características específicas dessa coleção, como no estudo de Cardoso e Lira (2016) sobre a coleção do Amazonas.

3 Metodologia

3.1 Descrição da pesquisa

No intuito de atingir os objetivos delineados, foi escolhida uma abordagem metodológica de natureza qualitativa. Segundo Ludke e Andre (2013), o método qualitativo se caracteriza por investigar o significado atribuído pelas pessoas às experiências, ao ambiente e às coisas que as cercam, priorizando a interpretação do pesquisador em relação aos fenômenos investigados.

Quanto ao delineamento, a presente pesquisa se qualifica como explicativa ao buscar compreender os desafios éticos associados à pesquisa e à prática bioarqueológica no âmbito das coleções ósseas. Em concordância, Gil (2017, p. 28) relata que pesquisas desse cunho buscam “[...] identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos”, no intuito de aprofundar o entendimento da realidade.

Para mais, e por se tratar de uma pesquisa científica que envolve remanescentes humanos, o presente estudo precisou seguir as legislações e regulamentações cabíveis. Como visto anteriormente, esse tipo de regulamentação muda de acordo com o contexto de obtenção dos remanescentes. Ou seja, esqueletos encontrados em sítios arqueológicos estão sujeitos à Lei nº 3.924/1961, que trata dos monumentos arqueológicos e pré-históricos. Já os esqueletos presentes em coleções de laboratórios de Anatomia, como os da Universidade Federal de Pelotas, não se enquadram nesse contexto e, portanto, estão sob a jurisdição da Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1961, 2012).

A Resolução nº 466, homologada no dia 12 de dezembro de 2012, determina que qualquer estudo e/ou procedimento científico que envolva seres humanos deve passar pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (Brasil, 2012). Sendo assim, o presente estudo foi cadastrado na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel, estando registrado sob o CAAE 68246523.5.0000.5317 (Anexo A).

3.2 Procedimentos e ferramentas metodológicas

Em relação aos procedimentos utilizados, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica tanto para o levantamento das técnicas empregadas no tratamento, organização e catalogação de ossadas quanto para ampliar a compreensão acerca dos processos e regulamentações que regem a formação e a gestão das coleções ósseas.

Diálogos informais e entrevistas semiestruturadas também serviram como instrumentos para a coleta de dados, sendo aplicados com os funcionários do Laboratório de Anatomia da UFPel e com a gestora da Coleção de Ossos Contemporâneos do CAV-UFPE. No caso dos funcionários da UFPel, as entrevistas foram realizadas presencialmente desde o primeiro contato com a coleção em novembro de 2021. Já com a gestora do CAV-UFPE, a entrevista foi realizada *online* via *Google Meet*, no dia 23 de janeiro de 2024.⁴

Castro e Oliveira (2022) explicam que a entrevista semiestruturada se caracteriza por possuir um roteiro que guia a conversa entre o pesquisador e o entrevistado, mas sem se apegar a uma estrutura rígida. Desse modo, o pesquisador consegue atingir os objetivos informacionais desejados, além de abrir espaço para a criação de novas perguntas, motivadas pelo diálogo. Esse método garante flexibilidade à entrevista, bem como a possibilidade de coletar dados que não foram previamente especulados.

Diante disso, e por meio das entrevistas realizadas, foi possível reconhecer os processos de formação, desenvolvimento e organização das coleções da UFPel e do CAV-UFPE. Conjuntamente, as informações obtidas acerca dos métodos empregados no tratamento e catalogação das ossadas na coleção do CAV-UFPE serviram de base para o protocolo de catalogação criado na presente pesquisa.

Para selecionar os demais procedimentos técnicos presentes no protocolo, utilizou-se como base os seguintes estudos: *Uma Proposta Pragmática para Cura e Recuperação de Coleções de Esqueletos Humanos de Origem Arqueológica*, de Neves (1988); *Curadoria de Remanescentes Humanos*, de Okumura (2015); *Evaluating Three Methods to Estimate the Number of Individuals from a Commingled Context*, de Lambacher *et al.* (2016), e *Metodologia para avaliação do número de indivíduos*, de Correia *et al.* (2022).

⁴ Para mais informações, ver subtópico 2.3.1.

4 Desenvolvimento e resultados

A atual coleção de ossos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) é composta por indivíduos que vieram de um depósito do cemitério municipal da Prefeitura de Alegrete - RS, de onde não sobrou nenhum registro prévio dos indivíduos. Após a sua chegada na universidade, esses ossos foram realocados diversas vezes, além de terem partes descartadas, até se estabelecerem no Laboratório de Anatomia. O técnico que recebeu os esqueletos no final dos anos 80 continua trabalhando no laboratório e revelou que esses ossos passaram por “muita coisa” antes de, finalmente, fazerem parte da coleção.⁵

Segundo ele, os ossos chegaram na universidade por volta de 1986, mas, na época, nem o Laboratório de Anatomia e nem o Departamento de Morfologia da Faculdade de Medicina tinham condições de abrigar esses esqueletos. Logo, eles foram enviados para o Departamento de Morfologia da Veterinária, que fica no município de Capão do Leão - RS. Esses indivíduos ficaram em sacos sem identificação, sendo passados de um depósito para o outro no campus até que, alguns anos atrás, uma professora do departamento pediu para que fossem retirados de lá. E, então, durante a pandemia de COVID-19 — que fez com que as atividades acadêmicas fossem canceladas — os técnicos, juntamente com alguns professores, tiveram tempo de ir até o campus onde os ossos estavam guardados para, finalmente, levá-los ao Laboratório de Anatomia. O técnico conta que ele não foi buscar os ossos, mas informa que alguns professores selecionaram os que seriam “bons” para dar aula e descartaram vários outros que “não serviriam”.⁶

Assim que chegaram ao laboratório anatômico, os ossos ainda estavam sujos, com gordura, terra e alguns resquícios mumificados. Por conta disso, eles foram limpos manualmente com água corrente e sabão para que a terra fosse retirada. Logo após essa etapa, os ossos foram limpos com hipoclorito e, posteriormente, passaram por um processo de clarificação, que é feito com peróxido de oxigênio. Alguns ossos ainda foram envernizados, enquanto outros foram coloridos para fins didáticos.

⁵ Informação verbal obtida por meio de entrevista realizada em novembro de 2021.

⁶ *Ibid.*

Todos esses processos de higienização e preparo foram realizados pelos técnicos do laboratório alguns anos antes do meu contato com a coleção. Já os procedimentos realizados durante o decorrer desta pesquisa foram de catalogação e gestão do acervo.

Figura 3 – Processo de marcação realizado durante a pesquisa



Fonte: acervo pessoal (2023).

Para a etapa de catalogação, foi elaborada uma planilha *online* por meio do *Google Docs*. A planilha conta com um sistema de legendas e páginas específicas para cada tipo de osso. As páginas referentes aos ossos longos incluem uma coluna com o código de identificação, outra para o comprimento e uma terceira para a descrição dos ossos, além de um espaço para observações. Algumas páginas, como as dos ossos do crânio e vértebras, não possuem um espaço destinado ao comprimento. Em vez disso, há um espaço para a especificação do osso, indicando o tipo de osso craniano ou qual vértebra se trata.

Figura 4 – Captura de tela da planilha

	A	B	C	D	E
1	Código	Comprimento (mm)	Descrição	Observação	
2	RDS-E 001		Cabeça íntegra, em forma de disco. Curvatura normal. Margem medial fina. Extremidade	Peça em ótimo estado	
3	RDS-D 002		Cabeça em forma de disco, não íntegra (degradação de preparo). Sem curvatura significati	Margem medial fina. Extremidade distal degradada, larga. Incisura ul	
4	RDS-D 003		Cabeça em forma de disco, não íntegra (degradação de preparo). Sem curvatura significati	Apresenta manchas brancas cavitadas	
5	RDS-D 004		Cabeça íntegra, com leve desgaste, em forma de disco. Curvatura normal. Margem med	Peça em bom estado	
6	RDS-D 005		Cabeça íntegra, com leve desgaste, em forma de disco. Curvatura normal. Margem med	Apresenta manchas brancas	
7	RDS-E 006		Cabeça íntegra, em forma de disco. Curvatura normal. Margem medial fina. Extremidade	Contorno ósseo mal definido. Peça boa.	
8	RDS-D 007		Cabeça em forma de disco, não íntegra (degradação de preparo). Sem curvatura significati	Apresenta manchas brancas	
9	RDS-D 008		Cabeça em forma de disco, não íntegra (degradação de preparo). Sem curvatura significati	Apresenta manchas brancas	
10	RDS-E 009		Cabeça íntegra, com leve desgaste, em forma de disco. Curvatura normal. Margem med	Apresenta manchas brancas	
11	RDS-D 010		Cabeça íntegra, em forma de disco. Curvatura normal. Margem medial fina. Extremidade	Peça em ótimo estado	
12	RDS-D 011		Cabeça em forma de disco, íntegra. Sem curvatura significativa. Margem medial fina. Ex	Peça em bom estado	
13	RDS-D 012		Cabeça em forma de disco, não íntegra (degradação de preparo). Sem curvatura significati	Margem medial fina. Extremidade distal íntegra, larga. Incisura ul	
14	RDS-D 013		Cabeça íntegra, em forma de disco. Curvatura normal. Margem medial fina. Extremidade	Tuberosidade do rádio com acentuada protuberância	
15	RDS-D 014		Cabeça íntegra, em forma de disco. Curvatura normal. Margem medial fina. Extremidade	DIDÁTICO	
16	RDS-D 015		Cabeça íntegra, com leve desgaste, em forma de disco. Curvatura normal. Margem med	Peça em bom estado	
17	RDS-E 016				
18	RDS-E 017				
19	RDS-E 018		Cabeça íntegra, em forma de disco. Curvatura normal. Margem medial fina. Extremidade	distal íntegra, larga. Incisura ulnar medial. Face anterior distal lisa e fa	
20	RDS-E 019		Cabeça íntegra, em forma de disco. Curvatura normal. Margem medial fina. Extremidade	Peça em ótimo estado	
21	RDS-D 020		Cabeça íntegra, em forma de disco. Curvatura normal. Margem medial fina. Extremidade	Peça em ótimo estado	

Fonte: elaboração própria (2023).

O acervo ósseo do Laboratório de Anatomia é composto, majoritariamente, por indivíduos juvenis e adultos contemporâneos e íntegros. Em relação ao armazenamento, ele foi dividido em duas salas, de modo que: a maior parte se encontra na sala de preparo, junto com o acervo “molhado” (peças cadavéricas em formol), e o restante está na sala dos técnicos, onde estão os ossos comumente utilizados em aulas e mais manuseados pelos alunos. Por conta disso, o processo de marcação se iniciou pelos ossos do acervo localizados na sala de preparo, especificamente pelas caixas contendo ossos longos.

Figura 5 – Acervo da sala de preparo



Fonte: acervo pessoal (2023).

Todos os ossos presentes na coleção do laboratório anatômico foram catalogados e identificados por meio de um código alfanumérico específico, o qual foi desenvolvido para essa finalidade durante a presente pesquisa. O código é composto por: uma combinação de três letras que representam uma abreviação do nome em latim do osso (por exemplo, *femur* = FMR ou *humerus* = HMR); seguido por uma indicação de lateralidade, direito (D), esquerdo (E), único (U) ou indeterminado (X); e um caractere numérico único para cada osso.

Figura 6 – Osso com código alfanumérico



Fonte: acervo pessoal (2023).

As identificações foram realizadas utilizando uma caneta nanquim de ponta 0,1 mm, cuja tinta foi protegida por uma fina camada de esmalte de base. Esse procedimento segue um protocolo padrão adotado em laboratórios de Arqueologia, baseado nos estudos de Neves (1988) e Okumura (2015), e foi realizado em uma região anatômica que não interferisse nas aulas de Anatomia. Ou seja, sempre que possível, a marcação foi feita de forma que, quando o osso estivesse em posição anatômica, a identificação ficasse localizada na parte posterior do osso. Para que o trabalho possa continuar a ser feito de forma padronizada foi desenvolvido um Guia de Marcações indicando a localização e a forma de identificar cada tipo de osso (Apêndice A).

Apenas os pequenos ossos cranianos, como os nasais, lacrimais e vômer, não receberam identificação devido à sua fragilidade. Esses ossos ficaram armazenados em pequenos recipientes de vidro.

Figura 7 – Armazenamento de ossos cranianos



Fonte: acervo pessoal (2023).

Diferentemente da maioria das coleções identificadas, a coleção da UFPel apresenta os ossos dispostos e categorizados por tipo, não por indivíduos. Esses casos de mistura de indivíduos costumam apresentar desafios específicos, dada a perda do contexto de inumação, exumação e dos registros *ante mortem*, além de acarretarem na má preservação dos remanescentes, o que limita a aplicação de muitos métodos e restringe o tipo de informação que pode ser obtida (Correia *et al.*, 2022).

À vista disso, fez-se necessário realizar o cálculo do NMI (Número mínimo de indivíduos) de acordo com Lambacher *et al.* (2016). Esse cálculo pode ser efetuado de duas maneiras distintas. A abordagem mais frequente consiste em estimar o número mínimo de elementos (NME), geralmente escolhendo o elemento mais abundante separado por lado. A segunda forma, conhecida como MMT (Mínimo Máximo Total), proporciona estimativas superiores ao NMI padrão. Nessa metodologia, soma-se o total de ossos do lado direito aos do lado esquerdo, subtraindo-se o número de ossos pareados. Isso implica que os ossos não emparelhados são tratados como pertencentes a indivíduos distintos (Correia *et al.*, 2022).

Tabela 1 – Quantidades identificadas a partir dos cálculos de NMI

Ossos Longos	Total	Esquerdos	Direitos	Pareados
Úmero	71	35	36	-
Ulna	84	48	36	2
Rádio	91	47	44	1
Fêmur	94	53	41	3
Tíbia	79	39	40	-
Fíbula	68	35	33	-

Fonte: elaboração própria (2024).

Como visto na Tabela 1, o elemento mais abundante catalogado na coleção foi o fêmur (n=94), dos quais 41 eram direitos, 53 eram esquerdos e apenas 3 puderam ser pareados, portanto o NMI dessa coleção é 53 e o MMT é de 91 indivíduos. Vale ressaltar que esse intervalo pode ser reduzido a partir do desenvolvimento de mais pesquisas envolvendo a coleção, pois o número de ossos dessas regiões anatômicas é semelhante, o que sugere a existência de pares ainda não identificados.

Para a conclusão do trabalho completo de catalogação, os ossos ainda precisam ser medidos, descritos e fotografados, etapas que pretendemos realizar ao longo dos próximos anos, devido ao grande volume de ossos, com o auxílio de alunos de graduação dos mais diversos cursos. Ao trabalhar com coleções de ossos humanos, foi possível perceber que esse tipo de material precisa de uma abordagem multidisciplinar, uma vez que profissionais diferentes conseguem obter informações diferentes de um mesmo material.

Ademais, e ao considerarmos que os ossos presentes na coleção já foram limpos e preparados para isso, espera-se que diversas outras pesquisas sejam realizadas com eles, principalmente agora que estão catalogados. No presente contexto, a catalogação permite que a coleção possa ser manuseada e caracterizada com mais segurança, especialmente em relação aos seus dados, o que abre portas para o desenvolvimento de estudos envolvendo variações anatômicas, perfis demográficos e até mesmo análises de isótopos.

Além disso, a presença de uma bioarqueóloga no Laboratório de Anatomia trouxe mais confiança por parte dos técnicos no trabalho realizado. Como resultado

disso, tivemos até mesmo o desenvolvimento de um projeto com um esqueleto fetal que havia sido preparado e guardado lá há mais de 40 anos (Marques; Valença; Bernardo, 2023).

5 Discussões

5.1 Ética em pesquisas com remanescentes humanos

A ética envolvida em pesquisas que abrangem remanescentes humanos, principalmente os recentes, difere-se essencialmente da presente na maioria dos estudos arqueológicos. A manipulação e estudo de ossos humanos, seja para fins científicos, educacionais ou de preservação cultural, exige uma abordagem ética cuidadosa e respeitosa. Não se deve nunca esquecer, quando se lida com remanescentes humanos, de não os tratar como “objetos” ou coisas que portam “dados”.

Diante disso, salienta-se que a consideração dos direitos individuais, a preservação da dignidade humana e a sensibilidade cultural devem ser elementos essenciais na pesquisa científica com seres humanos. Logo, antes de adentrarmos nas discussões próprias do trabalho com a coleção da UFPel, viu-se necessário elencar alguns dos aparatos legais que buscam contribuir com a ética do tratamento dos remanescentes humanos, especialmente no âmbito da Bioarqueologia.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a política de repatriamento de coleções do NAGPRA (*Native American Graves Protection and Repatriation Act*) permite que grupos com ligações identitárias com os remanescentes arqueológicos encontrados em solo estadunidense possam reclamar os ossos dos seus antepassados a fim de reenterrá-los (Almeida, 2018).

Similar ao NAGPRA, na América Latina temos o exemplo da Argentina, cuja Lei nº 25.517 de 2001 (que só foi regulamentada em 2010) determina a restituição de remanescentes humanos para os povos e comunidades indígenas. Remanescentes estes que, atualmente, estão sob a guarda de instituições estatais e privadas (como museus, universidades e coleções) (Jofre, 2020).

Vale ressaltar que essas políticas, legislações e projetos abraçam populações originárias e as ossadas dos anos 80 retiradas de cemitérios não são contempladas por elas. No Brasil, esses corpos caem sob a jurisdição da Lei nº 8.501 de 1992, que os coloca apenas como objetos de estudos por não terem sido reclamados (Brasil, 1992).

Nesse contexto, destaca-se a pesquisa realizada por Gürses *et al.* (2016). Em uma revisão dos artigos científicos que abordam a utilização de cadáveres em

pesquisas e que foram publicados no período de janeiro de 2011 a dezembro de 2015, os autores observaram que: 45,6% desses estudos deixaram de mencionar a procedência das amostras e 26,2% dos artigos relataram a obtenção de consentimento para a pesquisa, enquanto somente 32,4% afirmaram ter obtido alguma forma de aprovação ética para a condução do estudo.

Bezerra *et al.* (2020), ao investigar na base de dados da *Web of Science* em 2017, constatou que o Brasil ocupa a oitava posição em termos de quantidade de publicações relacionadas a pesquisas sobre Anatomia ou Morfologia Humana. No entanto, apesar do volume expressivo de estudos nessa área, observa-se que as regulamentações para esse tipo de pesquisa no Brasil ainda são escassas, o que dificulta a implementação de práticas mais rigorosas em termos éticos e legais.

Gonçalves, Jesus e Duarte (2021), em seu artigo intitulado *Dignidade do Cadáver Desconhecido Enquanto Material de Estudo da Anatomia Humana*, além de fazerem um panorama geral sobre a história da Anatomia como disciplina, trazem discussões acerca das problemáticas relacionadas aos corpos utilizados para fins didáticos.

No entanto, quando este apresenta-se no meio acadêmico, evidencia-se uma naturalização da morte, tornando-os anatomizáveis. Assim, existe um limite entre os cadáveres dos laboratórios de anatomia, os “desconhecidos”, e aqueles que são entes queridos de outrem (Gonçalves; Jesus; Duarte, 2021, p. 9).

Diante do exposto, tem-se a compreensão de que separar indivíduos e colocá-los em caixas escritas “fêmur” ou gavetas escritas “ulnas”, como acontecia na coleção acadêmica da UFPel, acaba por desumanizar essas pessoas, transformando-as em objetos, “coisas” sem história ou contexto. Esse processo de desumanização dos esqueletos nos levou ao seguinte questionamento: quem são as pessoas que acabam em caixas dentro de coleções ósseas de referência ou coleções didáticas?

5.2 Bioarqueologia dos esquecidos

Com base nas discussões feitas até aqui, observou-se que os esqueletos que acabam integrando as coleções ósseas em universidades são provenientes de corpos não reclamados e inadimplentes de cemitérios municipais. Esses ossos

“roubados” dos cemitérios são os ossos dos rejeitados, dos esquecidos, ossos que nem mesmo as famílias podem reivindicar, porque na maioria das vezes elas não sabem onde eles foram parar.

Lapa e Diana (2021) elucidam que isso acontece porque não existe interesse institucional no zelo atribuído a esses corpos marginalizados, esquecidos e abandonados. Ou seja, existe uma naturalização do descarte perante esses indigentes, de modo que, o hábito determina que o valor atribuído a esses corpos sem vida seja infinitamente pequeno ou irreal, no geral, dado pelo seu histórico em vida.

Não é difícil encontrar notícias em mídias convencionais que relatam o descaso com ossadas humanas em cemitérios. A título de exemplo, uma notícia veiculada no jornal *Folha de São Paulo*, no ano de 2016, aborda uma situação preocupante no Instituto Médico Legal (IML) de Maceió - AL, onde ossadas humanas inteiras foram encontradas abandonadas em um galpão desativado há cerca de três anos (Bertoni; Varella, 2016).

O local, que costumava ser usado para a análise de corpos em decomposição, se encontrava em condições precárias, com ossos espalhados pelo chão e uma estrutura degradada. O abandono das ossadas no galpão foi descoberto durante uma visita da Folha ao antigo IML da capital alagoana. Constatou-se, ainda, que algumas das ossadas possuíam identificação e parte delas ainda estavam dentro de sacos destinados ao transporte de cadáveres (Bertoni; Varella, 2016).

Em uma outra notícia de 2021, agora no jornal *G1 Santos*, moradores denunciaram ao Ministério Público as condições do cemitério de Itanhaém, no litoral de São Paulo. Um vídeo e diversas fotos mostram ossos humanos empilhados em sacos de lixo dentro de um almoxarifado no Cemitério Jardim Coronel. A Prefeitura de Itanhaém respondeu explicando que os ossuários estão ocupados e que, após a exumação, os restos mortais são armazenados por até 15 dias. Caso nenhum familiar reclame, eles ficam disponíveis para a municipalidade (G1 Santos, 2021).

O prazo para exumação é de 5 anos e, devido à lotação do ossuário geral, as ossadas estão sendo armazenadas dessa maneira. A prefeitura também mencionou a oferta de ossuário individual mediante pagamento. O Ministério Público analisa a denúncia, enquanto os moradores expressam preocupação com o que consideram um descaso em relação aos restos mortais de seus entes queridos (G1 Santos, 2021).

Para além da negligência pública, percebe-se que mesmo no âmbito científico existe uma disparidade no tratamento dado aos remanescentes humanos. Em alguns casos, como os dos esqueletos presentes na coleção do CAV-UFPE, eles parecem receber um tratamento mais humanizado, onde não apenas se tornam objetos de estudos guardados em caixas, mas são indivíduos exumados com respeito pelos pesquisadores do laboratório.

Já os ossos da coleção da UFPel, que vieram de um cemitério municipal do interior do estado, passaram quase 40 anos sendo realocados de um lado para o outro em sacos, para no final terem partes descartadas por não serem “boas o suficiente”. Para além disso, evidencia-se que o tratamento conferido pela instituição de ensino e pelos professores a essas “peças” também afeta, de certa forma, a experiência que os estudantes têm.

Entende-se, enquanto pesquisadora e bioarqueóloga, a necessidade de se afastar emocionalmente daqueles corpos, órgãos e ossos, pois lidar diariamente com a morte tem uma grande carga emocional e psicológica. Contudo, não podemos deixar que os alunos se esqueçam de que aquelas “peças” já foram pessoas e que aqueles ossos, mesmos secos e “despersonalizados”, contam a história de uma vida.

À face do exposto, propõe-se a criação de um espaço na entrada do prédio do Departamento de Morfologia. Visto que, um local dedicado à preservação da memória dessas pessoas poderia contribuir significativamente para fomentar práticas mais respeitadas com seus remanescentes, bem como garantir que elas jamais sejam esquecidas.

5.3 Memorial dos Esquecidos

Diversas universidades pelo Brasil possuem programas de doações de corpos, sendo a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) a pioneira nesse tipo de programa (Coimbra, 2023; Sociedade Brasileira de Anatomia, c2024). Conforme crescia o número de programas de doadores de corpos, cresciam também as demandas por agradecer e prestigiar essas pessoas. Logo, diversas universidades, incluindo até mesmo a UFPel, começaram a organizar cerimônias de homenagem aos doadores de corpos (Fonseca, 2023; Sextante, 2019; UFPel, 2019).

Em setembro de 2023, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) inaugurou um monumento memorial em homenagem aos doadores de corpos. O projeto busca servir tanto como um lugar para ser visitado e lembrado pelos familiares dos que já se foram quanto como uma forma de agradecimento aos que já expressaram seu desejo de doarem corpos (Vieira, 2023).

O dicionário Michaelis define memorial como um “Monumento erigido em comemoração à pessoa ou coisa digna de ser lembrada”⁷. Em concordância, Pereira (2020) complementa o conceito ao estabelecer que um memorial é:

[...] um dos poucos tipos de arquitetura cuja função fundamental não é abrigar, mas sim, lembrar. Espaço que respeitosa e tem como objetivo dar memória àqueles que se foram em atos heroicos ou lamentavelmente vítimas de cruéis eventos históricos, que pode então ser entendido como um monumento ou edifício cujo propósito é fundamentado em materializar a emoção do intangível, criando uma memória coletiva e lembrada através do tempo (Pereira, 2020).⁸

Sendo assim, um monumento memorial pode ser visto como uma estrutura construída para honrar e preservar a memória de eventos significativos, pessoas ou grupos que desempenharam um papel importante. Ele tem o propósito de manter viva a lembrança do passado e servir como um local de reflexão e homenagem.

Segundo Almeida (2018), nós — enquanto cultura ocidental moderna — somos marcados principalmente pelo distanciamento da morte, o que contribui com uma noção de “quase descarte” dos mortos, tal como visto no decorrer dessa pesquisa. Essa forma de tratamento dado à morte acaba dizendo muito sobre como as pessoas significam o valor da vida na atualidade. Por isso, as cerimônias e os rituais funerários se configuram como importantes meios de materializar a morte aos olhos dos que ficam, bem como de tratá-la como apenas mais uma etapa do ciclo da vida humana.

Além de contribuírem com a preservação da história e a transmissão de valores culturais para as gerações futuras, os monumentos memoriais também servem como locais de encontro para a comunidade e como pontos de referência que podem evocar emoções e reflexões sobre o passado. Portanto, a proposta de

⁷ Documento *online* não paginado. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=memorial>. Acesso em: 6 mar. 2024.

⁸ Documento *online* não paginado. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/946089/materializando-o-intangivel-8-memoriais-ao-redor-do-mundo>. Acesso em: 6 mar. 2024.

criação de um **Memorial dos Esquecidos** visa oferecer um espaço significativo e respeitoso para lembrar aqueles que foram marginalizados, negligenciados ou esquecidos ao longo da história.

Este local seria uma expressão tangível do compromisso em reconhecer e preservar as histórias daqueles que muitas vezes foram deixados à margem. E, para além do seu papel como espaço de recordação, o memorial teria ainda o objetivo de sensibilizar o público sobre a importância de valorizar tanto a doação dos corpos utilizados nas aulas quanto dos esqueletos dos desconhecidos, garantindo que as vozes daqueles que foram esquecidos também sejam ouvidas e honradas.

6 Considerações Finais

As coleções ósseas desempenham um papel crucial na educação e no desenvolvimento científico, fornecendo recursos valiosos para estudos e pesquisas em uma variedade de campos, desde a Biologia até a Antropologia. Elas permitem o acesso a informações importantes sobre a história natural, a evolução e as culturas humanas. No entanto, esse uso deve ser equilibrado com a necessidade de garantir o tratamento digno dos remanescentes humanos. Isso implica em adotar práticas éticas e culturalmente sensíveis ao coletar, preservar e estudar esses esqueletos, respeitando e mantendo a dignidade dos indivíduos representados nessas coleções.

Como bioarqueóloga, sinto que é meu trabalho contar essas histórias e relembrar suas vivências. Relembrar, também, aos professores e aos alunos que estudam esses esqueletos de que aqueles ossos secos e envernizados, embora não pareçam, são o último registro daquelas pessoas, a última memória que temos delas. Como diz na famosa oração ao cadáver desconhecido, a primeira lição que se aprende ao estudar Anatomia:

Por certo amou e foi amado, esperou e acalentou um amanhã feliz e sentiu saudades dos outros que partiram. Agora jaz na fria lousa, sem que por ele se tivesse derramado uma lágrima sequer, sem que tivesse uma só prece (Rokitansky, 1876).⁹

Respeitamos o cadáver completo, com um nome (ainda que desconhecido para os alunos) e um rosto, os ensinamos a tratá-los como se fossem seu primeiro paciente, mas sempre esquecemos dos ossos que, como vimos ao longo deste trabalho, vêm das pessoas esquecidas, abandonadas.

Talvez isso aconteça porque não é tão fácil assim enxergar uma pessoa em um crânio, mas com um olhar atento e treinado que, por vezes, só os bioarqueólogos têm, percebemos que aquele jovem, que tinha um pouco mais de 25 anos, provavelmente se meteu em uma briga e quebrou o arco superciliar do frontal, ou aquela senhora, que claramente tem mais de 70 anos e perdeu os dentes ainda

⁹ Documento *online* não paginado. Disponível em: <https://www.unisc.br/site/pdc/pages/oracao.html>. Acesso em: 7 abr. 2024.

muito jovem, provavelmente sentia dores ao mastigar, porque seu desgaste ósseo chega quase no forame mental.

Conhecer esses indivíduos só foi possível porque alguém parou para organizar e catalogar toda a coleção. Pensando nisso, e para que o trabalho na coleção da UFPel possa continuar, deixarei uma planilha e um guia de marcações para auxiliar os técnicos e os próximos pesquisadores que passarem por lá (Apêndice A).

Agora que a coleção está organizada, catalogada e vem sendo descrita, novos projetos a utilizando já estão em desenvolvimento. A título de exemplo, temos planos de elaborar o perfil demográfico dessa população, descrever sua saúde bucal e calcular diversos outros indicadores antropométricos.

A Bioarqueologia faz com que consigamos descrever populações pré-colombianas e pré-históricas, ela serve ainda para explicar como aquelas populações lutavam, do que elas se alimentavam, como trabalhavam e, vez ou outra, até mesmo como morreram. Para além disso, a Bioarqueologia nos ensina que devemos adotar uma abordagem ética, inclusiva e culturalmente sensível ao lidar com remanescentes humanos. Uma vez que reconhecer a diversidade e a complexidade envolvidas nessas práticas é crucial para garantir o respeito pelos direitos humanos e culturais das comunidades envolvidas.

A Bioarqueologia do Contemporâneo, ou Bioarqueologia do Passado Recente, nos lembra que as pessoas que já se foram são mais parecidas com a gente do que podemos imaginar, pois suas vivências ainda estão muito claras no nosso presente. E que melhor contribuição podemos dar a essas pessoas do que lembrar delas?

Conseqüentemente, a criação de um Memorial aos Esquecidos talvez seja a forma mais simples de demonstrar que não esquecemos delas e de agradecer por tudo o que têm contribuído na formação de novos profissionais da área da saúde. Assim, traz-se de volta um pouco de humanidade para os ossos que agora são vistos apenas como peças secas. A partir disso, espera-se relembrar às pessoas que transitam pelos edifícios e espaços educacionais de que os ossos ali expostos são pessoas e, portanto, merecem ser tratados com respeito.

Referências

AABA. **Presidential panel**: should the AAPA change our name? Pullman, USA, 2018. Disponível em: <https://bioanth.org/meetings-and-webinars/past-meetings/annual-meeting-2018/presidential-panel-should-aapa-change-our-name/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

ALMEIDA, T. V. S. **A respeito dos mortos**: remanescentes humanos do Max e suas implicações éticas. 2018. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/9483>. Acesso em: 3 fev. 2023.

ALPASLAN-ROODENBERG, S.; ANTHONY, D.; BABIKER, H.; BÁNFFY, E.; BOOTH, T.; CAPONE, P.; DESHPANDE-MUKHERJEE, A.; EINSENMANN, S.; FEHREN-SCHMITZ, L.; FRACHETTI, M.; FUJITA, R.; FREIMAN, C. J.; FU, Q.; GIBBON, V.; HAAK, W.; HADJDINJAK, M.; HOFMANN, K. P.; HOLGUIN, B.; INOMATA, T.; KANZAWA-KIRIYAMA, H.; KEEGAN, W.; KELSO, J.; KRAUSE, J.; KUMARESAN, G.; KUSIMBA, C.; KUSIMBA, S.; LALUEZA-FOX, C.; LLAMAS, B.; MACEACHERN, S.; MALLICK, S.; MATSUMURA, H.; MORALES-ARCE, A. Y.; MATUZEVICIUTE, G. M.; MUSHRIF-TRIPATHY, V.; NAKATSUKA, N.; NORES, R.; OGOLA, C.; OKUMURA, M.; PATTERSON, N.; PINHASI, R.; PRASAD, S. P. P.; PRENDERGAST, M. E.; PUNZO, J. L.; REICH, D.; SAWAFUJI, R.; SAWCHUK, E.; SCHIFFELS, S.; SEDIG, J.; SHNAIDER, S.; SIRAK, K.; SKOGLUNG, P.; SLON, V.; SNOW, M.; SORESSI, M.; SPRIGGS, M.; STOCKHAMMER, P. W.; SZÉCSÉNYI-NAGY, A.; THANGARAJ, K.; TIESLER, V.; TOBLER, R.; WANG, C. C. Ethics of DNA research on human remains: five globally applicable guidelines. *Nature*, [s. l.], v. 599, p. 41-46, Nov. 2021. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-021-04008-x>. Acesso em: 7 abr. 2024.

BECK, L. A. Kidder, Hooton, Pecos, and the birth of bioarchaeology. *In*: BUIKSTRA, J. E.; BECK, L. A. (ed.). **Bioarchaeology**: the contextual analysis of human remains. Burlington: Academic Press, 2006. p. 83-94.

BAKER, B. J.; AGARWAL, S. C. Stronger together: advancing a global bioarchaeology. **Bioarchaeology International**, [s. l.], v. 1, n. 1-2, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://journals.upress.ufl.edu/bioarchaeology/article/view/164/167>. Acesso em: 3 fev. 2023.

BERNARDO, D. V.; DA-GLORIA, P.; HUBBE, M. Antropologia biológica: a apresentação de um dossiê. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, Pelotas, v. 8, n. 2, p. 93-101, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/20342/13106>. Acesso em: 3 fev. 2023.

BERTASI, R. L. **Ossos na mesa**: remanescentes humanos em contexto arqueológico no Brasil. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/antropologia/files/2019/09/TCC-Ra_ssa-Lima-Bertasi.pdf. Acesso em: 3 fev. 2023.

BERTONI, E.; VARELLA, J. Ossadas humanas estão abandonadas em galpão sujo do IML de Maceió (AL). **Folha de S. Paulo**. Maceió, 5 jul. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/07/1788574-ossadas-humanas-estao-abandonadas-em-galpao-sujo-do-impl-de-maceio-al.shtml>. Acesso em: 5 mar. 2024.

BEZERRA, P. M.; BORBA, M. N.; GUERRIERO, I. C. Z.; DALLARI, S. G. Análise ética e jurídica da pesquisa científica sobre cadáveres no Brasil. **Rev. Bioét.**, [s. l.], v. 28, n. 3, p. 554-564, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/RC6FyF4pFfrQ8kGfyFVtdRN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 mar. 2024.

BINFORD, L. R. Archaeology as anthropology. **American Antiquity**, [s. l.], v. 28, n. 8, p. 217-225, Oct. 1962. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2176446/mod_resource/content/1/Archaeology%20as%20anthropology%20%28Binford%201962%29.pdf. Acesso em: 1 ago. 2022.

BLACK, S. **Ossos do ofício**. Rio de Janeiro: DarkSide, 2022.

BRASIL. Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe [sobre] os monumentos arqueológicos e pré-históricos. **Diário Oficial da União**: seção 1, parte 2, Brasília, DF, ano 99, n. 108, p. 6793, 26 jul. 1961. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l3924.htm. Acesso em: 7 abr. 2024.

BRASIL. Lei nº 8.501, de 30 de novembro de 1992. Dispõe sobre a utilização de cadáver não reclamado, para fins de estudos ou pesquisas científicas e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 130, n. 230, p. 17208, 1 dez. 1992. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8501.htm#:~:text=LEI%20N%C2%B0%208.501%2C%20DE,cient%C3%ADfica%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias. Acesso em: 1 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. [Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196]. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 150, n. 112, p. 59, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2024.

BUCHLI, V.; LUCAS, G. (org.). **Archaeologies of the contemporary past**. London: Routledge, 2001.

BUIKSTRA, J. E. A historical introduction. *In*: BUIKSTRA, J. E.; BECK, L. A. (ed.). **Bioarchaeology: the contextual analysis of human remains**. Burlington: Academic Press, 2006. p. 7-26.

CARDOSO, F. A.; LIRA, V. Remains of the dead: exploring a human anatomical collection from brazilian amazon. **International Journal of Osteoarchaeology**, [Hoboken, EUA], v. 26, n. 5, p. 787-798, Sept./Oct. 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/oa.2480>. Acesso em: 1 ago. 2022.

CARVALHO, M. V. D.; LIRA, V. F.; NASCIMENTO, E. A.; KOBAYASHI, S. B. T.; ARAÚJO, L. F.; ALMEIDA, A. C.; PETRAKI, G. C.; CUNHA, E.; SORIANO, E. P. New acquisitions of a contemporary brazilian identified skeletal collection. **Forensic Science International: Reports**, [s. l.], v. 2, art. 100050, Dec. 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2665910719300507?via%3Dihub>. Acesso em: 25 jan. 2022.

CASTRO, E.; OLIVEIRA, U. T. V. A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. **Entretextos**, Londrina, v. 22, n. 3, p. 25-45, 2022.

COIMBRA, V. Doação de corpos para estudos cresce entre universidades do RS e atraindo jovens e idosos voluntários. **GZH**. Porto Alegre, 8 abr. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2023/04/doacao-de-corpos-para-estudos-cresce-entre-universidades-do-rs-e-atraindo-jovens-e-idosos-voluntarios-clg1ber8w003l011fkipimtoah.html>. Acesso em: 5 mar. 2024.

CORREIA, M. A.; INGLEZ, M.; RIBEIRO, T. M. C.; DEITOS, A. R. Metodologia para avaliação do número de indivíduos. *In*: MACHADO, C. E. P.; DEITOS, A. R.; VELHO, J. A.; CUNHA, E. (org.). **Tratado de antropologia forense: fundamentos e metodologias aplicadas à prática pericial**. Campinas, SP: Millennium Editora, 2022. p. 315-338.

CUNHA, E.; LOPEZ-CAPP, T. T.; INOJOSA, I.; MARQUES, S. R.; MORAES, L. O. C.; LIBERTI, E.; MACHADO, C. E. P.; PAIVA, L. A. S.; FRANCESQUINI JÚNIOR, L.; DARUGE JUNIOR, E.; ALMEIDA JUNIOR, E.; SORIANO, E. The brazilian identified human osteological collections. **Forensic Science International**, [s. l.], v. 289, p. 449.e1-449.e6, Aug. 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0379073818302925?via%3Dihub>. Acesso em: 25 jan. 2022.

DICKINSON, C. O método arqueológico no pensamento contemporâneo. **Revista Reflexão**, Campinas, SP, v. 43, n. 2, p. 173-187, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5765/576567053001/html/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

FERREIRA, M. T.; VICENTE, R.; NAVEGA, D.; GONÇALVES, D.; CURATE, F.; CUNHA, E. A new forensic collection housed at the University of Coimbra, Portugal: the 21st century identified skeletal collection. **Forensic Science International**, [s. l.], v. 245, p. 202.e1-22.e5, Dec. 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0379073814004034?via%3Dihub>. Acesso em: 1 fev. 2023.

FONSECA, R. UFRN presta homenagem às doações de corpos para ensino e ciência. **Agecom-UFRN**. Natal, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://www.ufrn.br/imprensa/noticias/76579/ufrn-presta-homenagem-as-doacoes-de-corpos-para-ensino-e-ciencia>. Acesso em: 5 mar. 2024.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

FUNARI, P. P. A. Teoria e métodos na arqueologia contemporânea: o contexto da arqueologia histórica. **Mneme - Revista de Humanidades**, [s. l.], v. 6, n. 13, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/267>. Acesso em: 1 ago. 2022.

G1 SANTOS. **Ossadas humanas são empilhadas em sacos de lixo em cemitério de Itanhaém e caso é denunciado ao Ministério Público**. Santos, 20 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2021/06/20/ossadas-humanas-sao-empilhadas-em-sacos-de-lixo-em-cemiterio-de-itanhaem-e-caso-e-denunciado-ao-mp.ghtml>. Acesso em: 5 mar. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOODMAN, A. H.; MARTIN, D. L. Reconstructing health profiles from skeletal remains. *In*: STECKEL, R. H.; ROSE, J. C. (ed.). **The backbone of history: health and nutrition in the western hemisphere**. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 11-60.

GONÇALVES, S. B.; JESUS, A. R. B. S.; DUARTE, L. A. Dignidade do cadáver desconhecido enquanto material de estudo da anatomia humana. **UNESC em Revista**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 51-66, 2021. Disponível em: <http://revista.unesc.br/ojs/index.php/revistaunesc/article/view/337>. Acesso em: 1 fev. 2023.

GOULD, R. A.; SCHIFFER, M. (org.). **Modern material culture: the archaeology of us**. New York: Plenum Press, 1981.

GOULD, S. J. **A falsa medida do homem**. Tradução: Valter Lellis Siqueira. 3. ed. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2014.

GÜRSES, I. A.; COŞKUN, O.; GÜRTEKIN, B.; KALE, A. The amount of information provided in articles published in clinical anatomy and surgical and radiologic anatomy regarding human cadaveric materials and trends in acknowledging donors/cadavers. **Surg. Radiol. Anat.**, [s. l.], v. 38, n. 10, p. 1225-1231, Dec. 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27151088/>. Acesso em: 6 mar. 2024.

GUSMÃO, D. M. Tendências contemporâneas da arqueologia pública x patrimônio cultural subaquático. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 78-86, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8642869/10435>. Acesso em: 1 ago. 2022.

HARRISON, R. Arqueologias de futuros e presentes emergentes. Tradução: Mariana Petry Cabral. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 83-104, jul./dez. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331813862_Arqueologias_de_futuros_e_presentes_emergentes. Acesso em: 1 ago. 2022.

JOFRE, I. C. Cuerpos/as que duelen: cosmopolítica y violencia sobre cuerpos/as indígenas reclamados como ancestros/as warpes. **Revista Intersticios**, [s. l.], v. 17, p. 73-100, 2020. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/152584>. Acesso em: 1 fev. 2023.

LAMBACHER, N.; GERDAU-RADONIC, K.; BONTHORNE, E.; MONTERO, F. J. V. T. Evaluating three methods to estimate the number of individuals from a commingled context. **Journal of Archaeological Science: Reports**, [s. l.], v. 10, p. 674-683, Dec. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352409X16303650>. Acesso em: 27 nov. 2023.

LAPA, R. S.; DIANA, G. M. Morte de indigentes no contexto brasileiro: a naturalização do descarte. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 291, 300, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1796/179667413004/179667413004.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2023.

LARSEN, C. S. **Essentials of biological anthropology**: discovering our origins. New York: Norton & Company, 2018.

LIRYO, A. A paleopatologia e o estudo das doenças no passado. **Revista M - Estudos Sobre a Morte, Os Mortos e O Morrer**, [s. l.], v. 6, n. 11, p. 22-38, 2021. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/revistam/article/view/10506>. Acesso em: 1 ago. 2022.

LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: uma abordagem qualitativa. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MARQUES, I. S.; VALENÇA, M. S.; BERNARDO, D. V. Confecção de um modelo anatômico-didático de um esqueleto fetal humano. *In*: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 25., 2023, Pelotas. **Anais [...]**. Pelotas: UFPel, 2023. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2023/CH_03698.pdf. Acesso em: 7 abr. 2024.

MEMORIAL. *In*: DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=memorial>. Acesso em: 6 mar. 2024.

MERLI, K. A antropologia forense de "Bones". **Jornalismo Júnior**. São Paulo, 15 out. 2018. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/a-antropologia-forense-de-bones/>. Acesso em: 22 jan. 2022.

MORALES, M. H. L. B. **Fragmentos de história: passados possíveis no discurso da arqueologia histórica**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Programa Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/35256>. Acesso em: 1 ago. 2022.

NEVES, W. A. Uma proposta pragmática para cura e recuperação de coleções de esqueletos humanos de origem arqueológica. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**, Belém, v. 4, n. 1, 1988. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/163>. Acesso em: 27 nov. 2023.

OKUMURA, M. Curadoria de remanescentes humanos: práticas e experiências na Coleção Duckworth (Universidade de Cambridge, Reino Unido). **Revista Tecnologia e Ambiente**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 211-222, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/tecnoambiente/article/view/1945>. Acesso em: 27 nov. 2023.

PAGE, K. M. **The significance of human remains in museum collections: implications for collections management**. 2011. Thesis (Master's degree in Arts) – Buffalo State University, Buffalo, 2011. Disponível em: https://digitalcommons.buffalostate.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1002&context=history_theses. Acesso em: 7 abr. 2024.

PELOTAS. **Lei ordinária nº 4.126, de 11 de novembro de 1996**. Institui a prática de cremação de cadáveres e incineração de restos mortais, e dá outras providências. Pelotas: Câmara Municipal, 1996. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/lei-ordinaria/1996/413/4126/lei-ordinaria-n-4126-1996-institui-a-pratica-de-cremacao-de-cadaveres-e-incineracao-de-restos-mortais-e-da-outras-providencias?q=4126>. Acesso em: 3 fev. 2023.

PEREIRA, M. Materializando o intangível: 8 memoriais ao redor do mundo. **ArchDaily**. [S. l.], 24 ago. 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/946089/materializando-o-intangivel-8-memoriais-ao-redor-do-mundo>. Acesso em: 6 mar. 2024.

PLENS, C. R.; GÓRKA, K.; QUINTERO, Y. A. L. The identified osteological collections of South America and their ethical dimensions. **Forensic Sciences**, v. 2, n. 1, p. 238-252, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2673-6756/2/1/18>. Acesso em: 7 abr. 2024.

ROKITANSKY, K. Oração ao cadáver desconhecido. **UNISC**. Santa Cruz do Sul, 1876. Disponível em: <https://www.unisc.br/site/pdc/pages/oracao.html>. Acesso em: 7 abr. 2024.

RATHJE, W. L. Modern material culture studies. **Advances in Archaeological Method and Theory**, [s. l.], v. 2, p. 1-37, 1979.

REDMAN, S. J. **Bones rooms: from scientific racism to human prehistory in museums**. Cambridge: Harvard University Press, 2016.

REST in piece. Intérprete: Dorothy. Compositores: Devon Pangle, Dorothy Martin, Eli Wulfmeier, Eliot Lorango e Jason Ganberg. *In*: GIFTS from the holy ghost. [S. l.]: Roc Nation R cords, 2022. 1 CD, faixa 3.

RUIBAL, A. G. Arqueología del pasado contemporáneo: una mirada desde la península ibérica. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [s. l.], v. 13, n. 2, jul./dic. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/16331/13137>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SALCEDA, S. A.; DESÁNTOLO, B.; GARCÍA MANCUSO, R.; PLISCHUK, M.; INDA, A. M. The 'Prof. Dr. Rómulo Lambre' collection: an argentinian sample of modern skeletons. **HOMO**, [s. l.], v. 63, n. 4, p. 275-281, Aug. 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0018442X12000467?via%3Dihub>. Acesso em: 25 jan. 2022.

SANABRIA-MEDINA, C.; GONZÁLEZ-COLMENARES, G.; RESTREPO, H. O.; RODRÍGUEZ, J. M. G. A contemporary colombian skeletal reference collection: a resource for the development of population specific standards. **Forensic Science International**, [s. l.], v. 266, p. 577.e1-577.e4, Sept. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0379073816302729?via%3Dihub>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SANTOS, A. B. Arqueologia, sociedade e poder: breves considerações sobre uma arqueologia do passado recente. **Revista Noctua - Arqueologia e Patrimônio**, [s. l.], v. 1, p. 61-76, 2020. Disponível em: http://fundacaoparanabuc.org.br/arquivo/c4463_Artigo_4_Adriano_Noctua_2020_1.pdf. Acesso em: 1 ago. 2022.

SEXTANTE. Vidas que vão, corpos que ficam. **Humanista**. Porto Alegre, 11 jul. 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2019/07/11/sextante-vidas-que-vao-corpos-que-ficam/>. Acesso em: 5 mar. 2024.

SHANKS, M.; TILLEY, C. **Re-constructing archaeology: theory and practice**. London: Routledge, 2016.

SIMÕES, M. G.; RODRIGUES, S. C.; BERTONI-MACHADO, C.; HOLZ, M. Tafonomia: processos e ambientes de fossilização. *In*: CARVALHO, I. S. (ed.). **Paleontologia: conceitos e métodos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2010. p. 19-51.

SOARES, A. T. C. **Perfil antropológico das ossadas analisadas no Centro de Medicina Legal (CEMEL) da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP**. 2008. Dissertação (Mestrado em Patologia) – Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17143/tde-13012009-172238/publico/Andjara_Thiane_Cury_Soares_dissertacao.pdf. Acesso em: 8 mar. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANATOMIA. **Entendendo a doação de corpos para fins de ensino e pesquisa**. São Paulo, c2024. Disponível em: <https://sbanatomia.org.br/public/recursos/doacao-de-corpos>. Acesso em: 5 mar. 2024.

SODER, L. **Ossos sobre a mesa**: por uma práxis para a conservação, cura e análise preliminar de remanescentes ósseos humanos de origem arqueológica. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1iKOnf8Vl3Qpm5XVhKy1ukB6JV9CVdSeo/view>. Acesso em: 4 mar. 2024.

SOUZA, S. M. F. M. Bioarqueologia e antropologia forense. **Albuquerque: revista de história**, Campo Grande, MS, v. 1, n. 2, p. 121-139, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/3927/3133>. Acesso em: 3 fev. 2023.

SOUZA, S. M. F. M. O silêncio bioarqueológico da Amazônia: entre o mito da diluição demográfica e o da diluição biológica na floresta tropical. *In*: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. (org.). **Arqueologia amazônica**. Belém: MPEG/IPHAN/SECULT, 2010. p. 425-446.

SOUZA, S. M. F. M. Bioarqueologia no Brasil: constituindo um campo, consolidando um conceito. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 71, n. 2, p. 25-30, abr./jun. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602019000200010>. Acesso em: 3 fev. 2023.

TRIGGER, B. G. (org.). **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Ed. Odysseus, 2004.

UFPEL. Instituto de Biologia. **Campanha de doação de corpos seja um multiplicador da ideia**. Pelotas, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ib/2019/12/13/campanha-de-doacao-de-corpos-seja-um-multiplicador-da-ideia/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

VIEIRA, V. UFPB inaugura memorial pioneiro no Brasil, em agradecimento a doadores voluntários de corpos. **Universidade Federal da Paraíba**. João Pessoa, 28 set. 2023. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/ufpb-inaugura-memorial-pioneiro-no-brasil-em-agradecimento-a-doadores-voluntarios-de-corpos>. Acesso em: 5 mar. 2024.

WHITE, T. D.; BLACK, M. T.; FOLKENS, P. A. **Human osteology**. Amsterdã: Elsevier, 2011.

Apêndices

APÊNDICE A – Guia Definitivo para Marcação de Ossos

O GUIA DEFINITIVO PARA MARCAÇÃO DE OSSOS

DEPARTAMENTO
DE MORFOLOGIA



O GUIA DEFINITIVO PARA MARCAÇÃO DE OSSOS

Copyright © 2024 Isabela Marques

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora, que pode ser obtida por meio do email : isabela.smarques@outlook.com

Arte da capa : Lucas Sebastião Lima

Edição e diagramação : Lucas Sebastião Lima

Corpo : Century Gothic Bold 26, Century Gothic Bold 32, Century Gothic Bold 13, Inter 12

Revisão : Prof. Dra. Mariana Soares Valença

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

M357g Marques, Isabela da Silva

O guia definitivo para marcação de ossos / Isabela da Silva Marques. - Pelotas: Departamento de Morfologia/UFPel, 2024.

15 f. : il.

Manual desenvolvido a partir de Dissertação de Mestrado em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas

1.Coleção de ossos - Guia. 2. Bioantropologia.I.
Título.

CDU 572.781(036)

APRESENTAÇÃO

O presente guia foi feito como parte da minha dissertação de mestrado e só pôde ser elaborado graças à colaboração de várias pessoas, como os profissionais do Departamento de Morfologia e os alunos do projeto de iniciação científica intitulado Caracterização da Coleção de Ossos Contemporâneos da Universidade Federal de Pelotas.

Isabela Marques

EQUIPE

Isabela da Silva Marques

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt - UFPel)

Prof. Dra. Mariana Soares Valença

Professora do Departamento de Morfologia (IB - UFPel)

Bruna Rafaela Pizzi

Graduanda do curso de Química Forense (CCQFA - UFPel)

Murilo Pertile Campos

Graduando do curso de Medicina (FAMED - UFPel)

Lucas Sebastião Lima

Graduando do curso de Design Gráfico (CA - UFPel)



INTRODUÇÃO

Bem-vindo ao guia definitivo de marcações para coleções de ossos!

Neste guia, vamos explorar os diferentes tipos de marcações utilizadas. Com estas informações, você estará equipado para manter a coleção de ossos bem organizada.

Indicaremos o local ideal para realizar as marcações em cada osso, visando garantir tanto a preservação dos espécimes quanto a acessibilidade das informações associadas a eles. A marcação adequada é essencial para identificar corretamente cada osso e registrar dados importantes.

Normalmente, a marcação é feita em áreas específicas do osso que não comprometem sua integridade estrutural ou estética. Isso pode incluir regiões como superfícies ósseas planas, margens não articulares ou áreas menos visíveis. As técnicas de marcação podem variar dependendo do tipo de osso e da sua finalidade na coleção.

Além disso, destacamos a importância de usar materiais e técnicas de marcação que sejam duráveis e que resistam ao tempo, evitando assim que as informações sejam perdidas ou danificadas. Escolher o local certo para as marcações é crucial para garantir a longevidade e a utilidade da coleção de ossos para estudos científicos, pesquisas e outros fins educativos.

Ao seguir as diretrizes fornecidas neste guia, os curadores poderão estabelecer uma prática consistente e eficaz de marcação, contribuindo para a sua preservação e entendimento ao longo do tempo.



MATERIAIS

Seguindo as recomendações de Neves (1987) e Okumura (2015), os materiais utilizados para fazer as marcações são:

- Caneta Nanquim preta 01 (0,25 mm), podendo ser utilizada a 08 (0,5 mm) para ossos longos;
- Esmalte Base;
- Planilha digital com as informações básicas necessárias (o modelo pode ser alterado conforme necessidade).

MARCAÇÕES

Aqui está uma tabela com a legenda das marcações utilizadas na Coleção Anatômica da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI):

Osso (português)	Osso (latim)	Código	Lateralidade	Código
Crânio	Cranium	CRN	Direito	d
Vértebras	Vertebrae	VT	Esquerdo	e
V. Cervicais	Cervicales	VTC	Único	u
V. Torácicas	Thoracicae	VTT	Indeterminado	x
V. Lombar	Lumbales	VTL		
Clavícula	Clavicula	CLV		
Esterno	Sternum	STR		
Costelas	Costae	CST		
Escápula	Scapula	SCP		
Pelve	Pelvis	PLV		
Sacro	Sacrum	SCM		
Cóccix	Coccyx	CCX		
Úmero	Humerus	HMR		
Ulna	Ulna	ULN		
Rádio	Radius	RDS		
Fêmur	Femur	FMR		
Patela	Patella	PTL		
Fíbula	Fibula	FBL		
Tíbia	Tibia	TBA		
Esqueleto Completo		IDV		

Abaixo estão identificados os locais de marcação de cada um dos ossos do esqueleto humano. Todas as imagens foram retiradas do livro *Human Osteology* (White; Black; Folkens, 2011).



OSSOS DO CRÂNIO:

1. CRÂNIO SEM MANDÍBULA



vista lateral do crânio

A marcação deve ser feita na porção escamosa do osso temporal, próxima à sutura esfenotemporal.

- Em esqueletos completos montados e articulados, a marcação também pode ser feita no mesmo lugar.

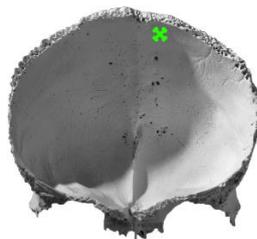
2. MANDÍBULA



vista posterior da mandíbula

A marcação deve ser feita na parte interna, preferencialmente no lado esquerdo, acima da linha milo-hióidea.

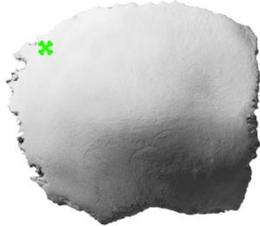
3. FRONTAL



vista posterior do frontal

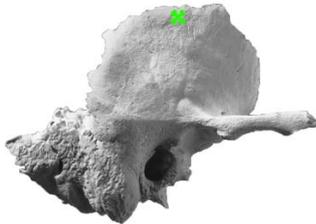
A marcação deve ser feita na face interna do osso, próximo à sutura coronal.



4. PARIETAL

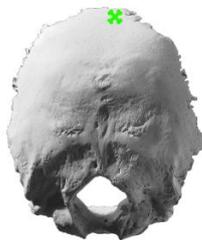
vista lateral do parietal

A marcação deve ser feita na face externa, próxima à sutura lambdóide.

5. TEMPORAL

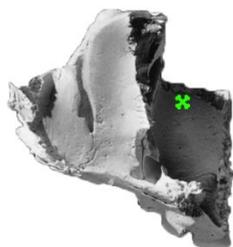
vista lateral do temporal

Assim como no crânio completo, a marcação deve ser feita na face externa, na porção escamosa do osso, próxima à sutura esfenotemporal.

6. OCCIPITAL

vista posterior do occipital

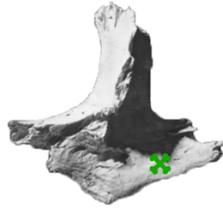
A marcação deve ser feita na face externa do osso, na porção plana, próximo à sutura lambdóide.

7. MAXILAR

vista superior da maxila

A marcação deve ser feita na face nasal da maxila, próxima à sutura palatina transversa.

8. ZIGOMÁTICO

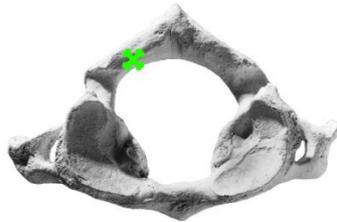


vista medial do zigomático

A marcação deve ser feita na face medial abaixo do forame zigomático temporal.

VÉRTEBRAS:

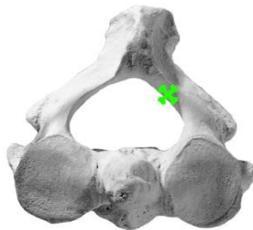
1. ATLAS



vista superior do atlas

A marcação deve ser feita na parte interna do arco posterior, no forame vertebral.

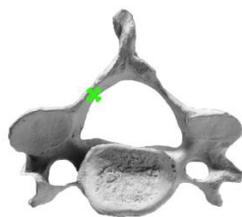
2. ÁXIS



vista superior do eixo

A marcação deve ser feita na parte interna da lâmina, no forame vertebral.

3. CERVICAIS

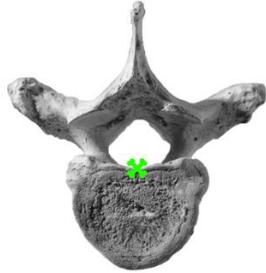


vista inferior de uma vértebra cervical

A marcação deve ser feita na parte interna da lâmina, no forame vertebral.



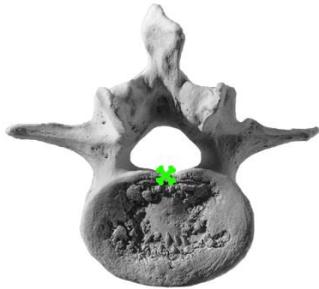
4. TORÁDICAS



vista inferior de uma vértebra torácica

A marcação deve ser feita na parte interna da lâmina, no forame vertebral.

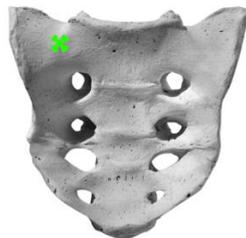
5. LOMBARES



vista inferior de uma vértebra lombar

A marcação deve ser feita na parte interna da lâmina, no forame vertebral.

6. SACRO



vista anterior do sacro

A marcação será feita na porção anterior do sacro, na asa esquerda.

OUTROS OSSOS:

ESCÁPULA



vista anterior da escápula

A marcação deve ser feita próxima à margem superior, entre o ângulo superior e a incisura escapular.

CLAVÍCULA



vista superior da clavícula

A marcação deve ser feita na porção medial da clavícula, próximo à extremidade esternal.

ESTERNO



vista posterior do esterno

A marcação deve ser feita na parte posterior do osso. Quando separados, a marcação deve ser feita na porção inferior do manúbrio, próximo ao ângulo esternal e na parte superior do corpo do esterno. Quando calcificados, a marcação é feita somente no corpo do esterno, próximo ao ângulo esternal.



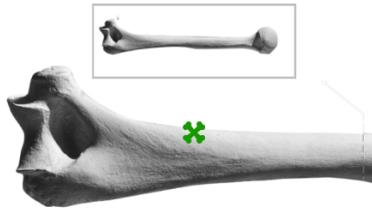
COSTELAS



vista posteroinferior da costela

A marcação deve ser feita na parte interna da costela, próximo à extremidade esternal na porção caudal.

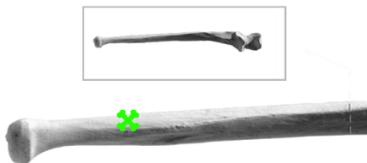
ÚMERO



vista posterior do úmero - porção distal

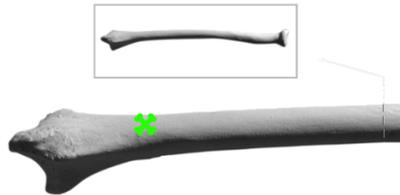
A marcação deve ser feita na face posterior do corpo do úmero, na porção distal.

ULNA



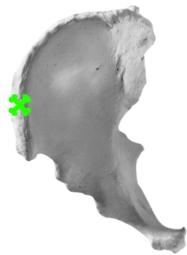
vista posterior da ulna - porção distal

A marcação deve ser feita na face posterior da ulna, próximo à porção distal.

RÁDIO

vista posterior do rádio - porção distal

A marcação deve ser feita na face posterior do rádio, no corpo.

PELVE

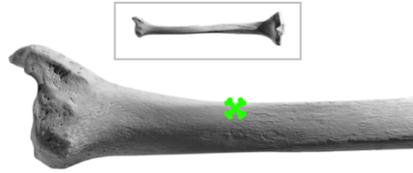
vista anterosuperior da pelve

A marcação deve ser feita na face pélvica, próximo ao lábio interno da crista ilíaca.

FÊMUR

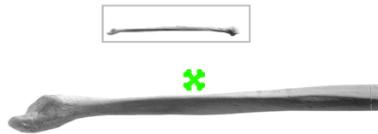
vista posterior do fêmur - porção distal

A marcação deve ser feita na face posterior do fêmur, próximo à porção distal.

TÍBIA

vista posterior da tíbia - porção distal

A marcação deve ser feita na face posterior da tíbia, próximo à porção distal.

FÍBULA

vista posterior da fibula - porção distal

A marcação deve ser feita na face posterior da fibula, próximo à porção distal.

REFERÊNCIAS

NEVES, W. A. Uma proposta pragmática para cura e recuperação de coleções de esqueletos humanos de origem arqueológica. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**, Belém, v. 4, n. 1, 1988.

OKUMURA, M. Curadoria de remanescentes humanos: práticas e experiências na Coleção Duckworth (Universidade de Cambridge, Reino Unido). **Revista Tecnologia e Ambiente**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 211-222, 2015.

WHITE, T. D.; BLACK, M. T.; FOLKENS, P. A. **Human osteology**. Amsterdã: Elsevier, 2011.



Anexos

ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS - UFPEL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Caracterização da Coleção de Ossos Contemporâneos da Universidade Federal de Pelotas

Pesquisador: ISABELA DA SILVA MARQUES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 68246523.5.0000.5317

Instituição Proponente: Instituto de Biologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.978.609

Apresentação do Projeto:

Por serem os registros mais duradouros da existência humana, os ossos e dentes costumam carregar marcas de nossas experiências, hábitos e atividades. Em função disso, a prática bioarqueológica busca extrair o máximo de informações que esses remanescentes podem fornecer, além de buscar meios de contar essas histórias por meio da ciência. Como a quantidade de informações extraídas depende da idade e da integridade da ossada, coleções de ossos contemporâneas representam um valioso recurso para os estudos bioarqueológicos, antropológicos e anatômicos.

Diante disso, este estudo objetiva coletar e catalogar as informações morfológicas e antropométricas da coleção de ossos presente no Laboratório de Anatomia da Universidade Federal de Pelotas. À vista disso, busca-se categorizar e identificar possíveis patologias, que contribuam para a elaboração de um perfil demográfico sobre as condições de vida dos indivíduos estudados, de modo a incentivar a redução da escassez informacional acerca das coleções ósseas no Sul do Brasil.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Diante do exposto, a presente pesquisa objetiva coletar e catalogar as informações morfológicas e antropométricas da coleção de ossos presente no Laboratório de Anatomia da Universidade

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS - UFPEL



Continuação do Parecer: 5.978.609

Federal de Pelotas (UFPEl), se baseando nos parâmetros métricos e não-métricos nacionais e internacionais para a identificação de patologias.

Objetivo Secundário:

Medir e descrever os ossos longos presentes na coleção da UFPEl se utilizando de metodologias de referência internacional;

- Investigar a presença e frequência de variações anatômicas e patologias ósseas presentes nos ossos longos da coleção;
- Analisar as possíveis causas das patologias identificadas e suas relações com o comportamento ante-mortem.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Pesquisas com ossos humanos podem apresentar diversos riscos se não forem conduzidas adequadamente. Alguns dos principais riscos incluem contaminação, lesões, questões éticas e culturais, privacidade e questões legais. É importante garantir que as pesquisas sejam conduzidas com rigor ético e seguindo as normas e regulamentações relevantes. Isso pode incluir a obtenção de autorizações legais e éticas, o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), a implementação de protocolos de esterilização e a adoção de boas práticas de manejo de amostras.

Benefícios:

As pesquisas com coleções de ossos humanos pode ter benefícios em várias áreas, incluindo a compreensão da evolução humana, diagnóstico médico, pesquisa forense, desenvolvimento de novos tratamentos, educação e preservação da história. Além de auxiliar no treinamento de pessoas qualificadas para todas essas áreas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa academicamente relevante e que pode contribuir cientificamente para o campo de pesquisa em questão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Carta de anuência: anexada
- TCLE: dispensa
- Riscos e Benefícios: O item "Riscos" cobre os possíveis riscos no decorrer da pesquisa e os "benefícios" são bastante claros.

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala o3
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS - UFPEL



Continuação do Parecer: 5.978.609

- Cronograma: revisar

Recomendações:

- Revisar o cronograma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

* Projeto adequadamente elaborado à luz dos parâmetros éticos necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2103569.pdf	20/03/2023 12:36:06		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	carta_anuencia.pdf	20/03/2023 12:35:24	ISABELA DA SILVA MARQUES	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_assinada.pdf	20/03/2023 12:34:40	ISABELA DA SILVA MARQUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_Caracterizacao_da_colecao_de_ossos.pdf	14/03/2023 16:53:18	ISABELA DA SILVA MARQUES	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	14/03/2023 16:46:10	ISABELA DA SILVA MARQUES	Aceito
Outros	Lattes_dos_Pesquisadores.pdf	14/03/2023 16:43:18	ISABELA DA SILVA MARQUES	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	14/03/2023 16:37:57	ISABELA DA SILVA MARQUES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala o3
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS - UFPEL



Continuação do Parecer: 5.978.609

PELOTAS, 31 de Março de 2023

Assinado por:
Patricia Abrantes Duval
(Coordenador(a))

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br